

G. MINAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS LTDA

M. S. F. L.

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

ARGUMENTO, DIÁLOGOS E ROTEIRO TÉCNICO

DE GERALDO SANTOS PEREIRA

1. SINOPSE
2. JUSTIFICATIVA
3. ROTEIRO TÉCNICO COM DIÁLOGOS
4. REGISTRO DE DIREITOS AUTORAIS
5. "CURRICULUM VITAE"

BELO HORIZONTE
1998

Em anexo no final deste caderno.

Cópia 1/4 (completa)

ROTEIRO TÉCNICO

TERMINOLOGIA TÉCNICA

<u>P.P.P.</u>	Primeiríssimo Plano
<u>P.P.</u>	Primeiro Plano
<u>P.A.</u>	Plano Americano
<u>P.A.L.</u>	Plano Americano Largo
<u>P.M.</u>	Plano Médio
<u>P.G.</u>	Plano Geral
<u>G.P.G.</u>	Grande Plano Geral
<u>“TRAVELLING”</u>	Câmera instalada em carrinho
<u>TRAV-AVANTE</u>	Carrinho para a frente
<u>TRAV-ATRÁS</u>	Carrinho para trás
<u>TRAV-LATERAL</u>	Carrinho para o lado
<u>TRAV-CIRCULAR</u>	Carrinho em curva
<u>CARRINHO</u>	Veículo sobre rodas
<u>PAN-E-D</u>	Panorâmica Esquerda-Direita
<u>PAN-D-E</u>	Panorâmica Direita-Esquerda
<u>PAN-A-B</u>	Panorâmica do Alto para Baixo
<u>PAN-B-A</u>	Panorâmica de Baixo para Alto
<u>CAMPO E CONTRA-CAMPO</u>	Personagens enquadrados à esquerda e à direita
<u>“PLONGÉE”</u>	Câmera do Alto para Baixo
<u>“CONTRE-PLONTÉE”</u>	Câmera de Baixo para Alto
<u>“RACCORD”</u>	Movimento que se completa
<u>“ZOOM”</u>	Lente multifocal, de avanço e recuo
<u>“FLASH”</u>	Plano de curta duração
<u>BG</u>	“Background”: segundo plano sonoro.
<u>ESCURECIMENTO</u>	Passagem de tempo: imagem escurece e clareia
<u>FUSÃO</u>	Passagem curta de tempo: imagens se fundem



“Para cercar o Jequitinhonha ou arrebentar as rochas dos córregos diamantinos era preciso alguma coisa mais sólida do que a paciência”.

“O garimpeiro, obrigado a passar uma vida de misérias, era, finalmente, o audaz, intrépido e ambicioso aventureiro que ia buscar fortuna nessa vida cheia de riscos, perigos e emoções”.

Joaquim Felício dos Santos
“Memórias do Distrito Diamantino”

SINOPSE

Filho e neto de garimpeiros, José Raimundo dos Santos, mais conhecido como Zé Raimundo, exerce na pequena cidade de Datas, no Alto Jequitinhonha, a mesma atividade daqueles que, no passado, criaram em Minas Gerais a fascinante mitologia extrativa que dura até hoje.

Ele, como outros faiscadores, sonha algum dia bamburrar, isto é, encontrar os grandes diamantes nas grupiarias, ou no cascalho dos rios, cujo preço, no entanto, favoreceria hoje mais os compradores, contrabandistas e os donos das grandes empresas que atuam no vale com suas dragas predatórias.

Casado com Marialva, que tece com habilidade os belos e apreciados tapetes Arraiolos, Zé Raimundo na verdade tem em Glorinha, sua filha de dez anos de idade, a alegria que não encontra nos rios.

Certo dia, contudo, Glorinha, que estuda no Grupo Escolar, desaparece misteriosamente, mobilizando a família, o delegado Altamiro, sua equipe policial e moradores de Datas, inclusive um conhecido jornalista e repórter de televisão, Pedro Rezende, em férias na cidade, onde nasceu.

O jornalista, cujo drama conjugal com Cleusa, *socialite* de Belo Horizonte, preocupa toda a família, solidariza-se com o sofrimento de Marialva e Zé Raimundo, adia o regresso a Belo Horizonte e se entrega de corpo e alma às investigações sobre o desaparecimento da menina.

Todas as hipóteses para explicá-lo são examinadas, inclusive seqüestro, afastado das cogitações pela pobreza de Zé Raimundo, incapaz de pagar o menor resgate. O que mais aflige os amigos do casal, na verdade, é a inquietante suspeita de rapto, estupro e assassinato, cogitada antes, quando três outras crianças desapareceram de Mendanha, Guinda e Couto de Magalhães, na mesma região. Este fato leva Pedro Rezende a visitar aquelas localidades, onde investiga as circunstâncias em que se deu o desaparecimento das crianças, todas de famílias muito pobres.

Detalhe que intriga particularmente o repórter e o delegado de Datas é a presença intermitente, naquela região, de uma médica pediatra, Isolda Schiller, que antes examinara as crianças desaparecidas, viajando, em seguida, para Diamantina, onde é vista na companhia de um estrangeiro idoso.

Cada vez mais atraído pelos fatos que lhe desafiam a longa tarimba de jornalista, Pedro Rezende, juntamente com o detetive Rubens, destacado pelo delegado para acompanhar as investigações, segue para Diamantina e

descobre a identidade e a ocupação daquele estrangeiro: um biólogo suíço, dedicado à inseminação artificial em gado leiteiro, chegado a Diamantina em avião de sua propriedade e constantemente visto na companhia da médica pediatra, que reside num casarão nas cercanias da cidade.

Da curiosidade inicial, Pedro e o detetive passam depois à suspeita, o que os leva a perseguir a médica e o estrangeiro pelas ruas da velha cidade, até conseguir fotografá-los diante do hotel onde o biólogo se hospeda com o nome de Wilhelm Schneider.

Com a foto e os dados mais importantes sobre o suíço e a médica, Pedro se comunica, via-computador, com um colega do Rio de Janeiro, a quem pede investigações junto à Polícia Federal e Interpol, de Paris.

No dia seguinte recebe do Rio uma assombrosa resposta: o biólogo hospedara-se em Diamantina com nome falso, pois, na verdade, se chama Konrad Otto Spiegel, de nacionalidade alemã, e não suíça, antigo militante do partido nazista, foragido na América do Sul, e, durante a segunda grande guerra, participante de experiências com transplantes de órgãos humanos em prisioneiros judeus.

Com relação à médica as informações recebidas do Rio também são surpreendentes: o nome dela é igualmente falso e, com referência à sua atividade profissional o informe do Rio esclarece que fora expulsa do Conselho Regional de Medicina, de Santa Catarina, por prática ilegal de aborto e imperícia médica, impedida de clinicar em todo o Brasil.

Através de investigações paralelas, outros importantes indícios são encontrados por Pedro Rezende e o policial na casa da médica, onde penetram sigilosamente durante sua ausência: a existência, num dos cômodos, de vários recipientes para coleta e preservação de órgãos e sêmen; o nome de Glorinha, anotado em uma folha de papel, e a escritura de compra e vende de uma propriedade rural, próxima ao município de Couto de Magalhães, adquirida pela médica.

Com mau pressentimento a inquietar-lhe o espírito, Pedro Rezende vai à Santa Casa de Diamantina, onde se informa, com um cirurgião, amigo de seu pai, sobre transplantes e preservação de órgãos humanos.

Enquanto o jornalista se encontra no hospital, o detetive Rubens segue os passos do alemão e da médica, indo, inclusive, ao aeroporto onde, escondido entre tambores de gasolina, observa o casal ordenar preparativos para próxima viagem do avião, guardado no hangar. Do aeroporto, o alemão e a médica seguem, de carro para o município de Couto de Magalhães, onde se localiza a fazenda, enquanto o detetive vai à Santa Casa e relata a Pedro Rezende os acontecimentos que presenciara.

Cada vez mais convencidos do envolvimento do biólogo e da médica com o desaparecimento de Glorinha e das outras crianças, Pedro e o investigador regressam imediatamente a Datas. E na delegacia da cidade as suspeitas se transformam em assustadora certeza quando chega a notícia do

aparecimento, nas imediações de Couto de Magalhães, do corpo de uma das crianças desaparecidas, despojado de vários de seus órgãos.

Por instâncias de Pedro Rezende, o delegado Altamiro ordena a imediata formação de um contingente policial, fortemente armado, que segue, em vários carros, na direção de Couto de Magalhães e da fazenda da médica.

Pedro vai rapidamente apanhar Zé Raimundo e Marialva e, com eles, também se integra ao grupamento policial que, pouco adiante de Couto de Magalhães, ganha uma estrada vicinal de terra e alcança a “Fazenda da Ressurreição”, nome da propriedade suspeita.

E nela, uma antiga fazenda de escravos, o mistério surpreendentemente se esclarece: no porão da casa-sede, antes uma senzala, iluminada por refletores de centro cirúrgico, Glorinha é encontrada, despida e anestesiada, estendida sobre uma mesa de operação, ladeada pelo alemão e a médica, na iminência de matá-la e despojá-la de seus órgãos.

Pego em flagrante, cercado pelos policiais, Konrad Otto Spiegel começa a gritar, enfurecido, e tenta apossar-se de uma arma. Antes que o faça, no entanto, é fuzilado pelos policiais, tombando morto e ensangüentado sobre vários tambores cilíndricos, providos de nitrogênio líquido, prontos para receber e conservar os órgãos de Glorinha.

A médica, acuada e em pânico, recosta-se em uma parede e suplica para que não a matem. Depois de presa e algemada, ouve, lívida, as terríveis acusações que lhe fazem o delegado, Pedro Rezende e, principalmente, Marialva.

Terminara, desta forma, o suplício de Zé Raimundo, Marialva e seus amigos. Glorinha fora salva, seus seqüestradores e quase assassinos punidos: um com a morte, outra, após julgamento, certamente condenada à pena máxima.

O contingente policial, com o delegado Altamiro e o sargento Elias à frente, deixa a senzala, a casa-sede e atravessa a porteira da Fazenda da Ressurreição, símbolo agora de uma vida resgatada no último minuto.

O delegado, seguindo ao lado de Pedro Rezende, então comenta:

- Espero que este seja o último nazista, Pedro!

Mas o jornalista, meio cético, tem suas dúvidas. E responde:

- Não acredito que seja o último, doutor Altamiro! Há outros, escondidos pelo mundo, na própria Alemanha!

- Mas estes, meu caro - retruca Altamiro - os judeus um dia pegam, você vai ver!

Caminham mais alguns passos e, já se aproximando de seu carro, Altamiro diz ainda ao jornalista:

- Agora é com você, grande repórter! Convoque a imprensa, a televisão, o cinema, o que você quiser!

E termina, já entrando no carro:

- Você merece este "furo", com exclusividade! Até breve, meu caro, e muito obrigado por tudo!

Pedro aperta efusivamente a mão do delegado e caminha na direção de Marialva que, inundada de indescritível alegria, diz ao jornalista que, regressando a Datas, iria imediatamente cumprir a promessa que fizera se a filha fosse encontrada viva: caminhar de joelhos pelo interior da Igreja-Matriz do Divino Espírito Santo até o altar de Nossa Senhora da Conceição.

E, efetivamente, no dia seguinte, ela cumpre a promessa na presença de uma multidão de parentes, amigos, moradores da cidade, diante das câmeras de televisão, em reportagem comandada por Pedro Rezende, que registra, ao vivo, a humilde tecelã de Datas caminhando de joelhos, feliz e emocionada, sobre os tapetes Arraiolos que as tecelãs do Vale do Jequitinhonha estendem pelo chão da igreja.

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

JUSTIFICATIVA

A temática cultural mineira é reconhecidamente uma das mais ricas, originais e diversificadas do Brasil. “Minas são várias”, disse Guimarães Rosa, que, mais tarde, completaria a definição: “Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo mineiro o homem em estado minas-gerais?”

Sendo tão férteis as vertentes temáticas mineiras, as imagens que as exprimem convergem, inelutavelmente, para uma mesma, profunda e bela essência: a alma, as emoções, o temperamento, a psicologia da gente mineira, refletindo a história heróica do barroco-colonial; o mítico e recôndito sertão mineiro, transfigurado na obra de Guimarães Rosa; os dramas e tradições populares da extração mineral; a introspecção da vida nas fazendas e pequenas cidade, enclausurando moradores em si mesmos, ou, finalmente, os antagonismos, a solidão, conflitos, miséria, violência e marginalidade, que atordoam a vida dos moradores das grandes cidades.

“Fazenda da Ressurreição”, projeto de filme cinematográfico de longa-metragem, abrange em seu entrecho algumas dessas típicas vertentes temáticas mineiras: o garimpo, os povoados que definham no tempo, a grande pobreza do povo que sobrevive em meio à envolvente beleza paisagística de rios e montanhas do Alto Jequitinhonha; a reminiscência romântica das serenatas, do casario, igrejas e ruas sinuosas de Diamantina, impregnadas de sombras e lembranças do passado. E é na cidade de Chica da Silva, que conflui o clímax final do filme, arrastando ação e personagens para um dramático desfecho.

Nesse microcosmo humano, econômico, social e histórico, descrito de forma definitiva por Joaquim Felício dos Santos em “Memórias do Distrito Diamantino”, soblevam as características específicas que configuram a alma, os conflitos, as emoções que dão substância aos personagens do filme: Zé Raimundo, homem rude que persiste na atividade decadente do garimpo, sonhando com a fortuna que lhe é sugada pelas dragas das grandes mineradoras; Marialva, bela tecelã, entregue ao silencioso trabalho manual de fabricação dos tapetes Arraiolos, tragicamente abalada, certo dia, pelo desaparecimento da filha; Pedro Rezende, prestigioso repórter de televisão, nascido em Datas, solidário com o drama e o sofrimento de Marialva, sua amiga de infância; um delegado de polícia, humanizado pela pobreza e o sofrimento dos anônimos moradores

da região, configurados como símbolos de um país de tantos e impressionantes enclaves de miséria.

Estamos convencidos de que cinema brasileiro não pode mais prescindir dos valores éticos, humanos e sociais que marcam tão fundamento o Brasil e seu povo. Isto foi compreendido por Walter Salles em seu belo filme, "Central do Brasil" e, ao que tudo indica, vai sendo entendido por muitos cineastas, hoje dispondo de uma eficiente legislação de incentivo, que os estimula a realizar projetos cinematográficos capazes de nacionalizar nossas telas e reagrupar nosso público.

Se o público não se identificar com temas, entrecos e personagens que reflitam e dramatizem a vida popular, cultural, social e democrática do povo brasileiro, a conquista de nossas telas dificilmente se realizará e o cinema brasileiro continuará apegado a fórmulas narrativas de intriga, personagens e conflitos construídos apenas para movimentar mecanismos artificiais de ação.

Achamos, no entanto, que, felizmente, o público brasileiro amadureceu e hoje consagra obras cuja essência penetra na alma e no coração do povo.

Estes são os conceitos pelos quais justificamos o projeto de "Fazenda da Ressurreição", a ser filmado na fascinante região do rio Jequitinhonha, cantada por Cecília Meireles nas "Lamentações no Tejuco", no "Romanceiro da Inconfidência":

"Ai, que rios caudalosos,
e que montanhas tão altas!
Ai, que perdizes nos campos,
e que rubras madrugadas!
Ai, que rebanhos de negros,
e que formosas mulatas!
Ai, que chicotes tão duros,
e que capelas douradas!
Ai, que modos tão altivos,
e que decisões tão falsas...
Ai, que sonhos tão felizes...
que vidas tão desgraçadas!"

Devemos confessar que essas "vidas tão desgraçadas", e esses "sonhos tão felizes" inspiraram o projeto deste filme onde "há frio e a neblina rói a paisagem", na visão do poeta Emílio Moura.

ROTEIRO TÉCNICO

SEQÜÊNCIA 1

RESUMO: *A primeira seqüência do filme incorpora personagens à paisagem do Alto Jequitinhonha e revela a decadente atividade dos garimpeiros que ainda se obstinam na busca de diamantes e pedras preciosas que, naquela região, deram enormes riquezas no passado e, em nossos dias, são extraídos de forma predatória e industrializada, causando o empobrecimento de boa parte da população. Isto constitui o fundamento das divergências que abalam o casamento do garimpeiro Zé Raimundo e Marialva, sua mulher, tecelã de belos e famosos tapetes Arraiolo. Divergências, por outro lado, também vividas pelo jornalista Pedro Rezende, em férias na cidade de Datas, onde nasceu, e sua mulher Cleusa, da alta sociedade de Belo Horizonte, cujos conflitos são de origem mais social do que econômica.*

EXTERIORES - AMANHECER - DATAS - RIO

1 a 5 - Amanhece na cidade de Datas e região do Alto Jequitinhonha. Câmera, em planos de localização, registra a beleza paisagística da região cercada por altas montanhas graníticas e banhada pelo rio Jequitinhonha, local de garimpo tradicional praticado na região.

EXTERIOR - RUA E CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ

6. Focaliza-se, em Plano Geral, a rua de Datas onde residem José Raimundo dos Santos, sua mulher Marialva Correa dos Santos e a filha única do casal, Glória Maria, que chamam de Glorinha.

Câmera inicia lento Trav.-Avante pela a rua e, após fazer Pan-E-D, vai enquadrar a modesta casa, ainda fechada, onde reside a família do garimpeiro José Raimundo.

Família pobre, como, aliás é a maioria da população do Vale do Jequitinhonha. José Raimundo, ou, abreviadamente, Zé Raimundo, é um homem de 34 anos, moreno, forte, estatura mediana. Tem o rosto precocemente envelhecido, marcado pela dura luta pela sobrevivência.

Marialva, com 27 anos de idade, é uma moça de grande beleza, corpo bem feito e atraente, olhos castanhos vivos e inteligentes. Antes de casar-se com Zé Raimundo, teve muitos admiradores, como Severino Silva, também

garimpeiro, e, principalmente, Pedro Rezende, filho de um comerciante bem situado na cidade de Datas. Formado em Comunicação Social, em universidade de Belo Horizonte, para onde se mudou, Pedro Rezende trabalhou como repórter em jornal e depois na televisão, onde adquiriu notoriedade e prestígio, o que o levou a casar-se com moça de família rica, projetando-se na alta sociedade mineira.

Glorinha, filha única de Zé Raimundo e Marialva, tem 10 anos de idade e é uma moreninha encantadora, alegre, comunicativa, querida em toda a cidade. Estuda no Grupo Escolar "Milton Campos" e, de vez em quando, acompanha o pai no garimpo com a pequena bateia que Zé Raimundo lhe deu.

7. O movimento de aproximação da câmera termina quando estiver enquadrando em P.M. a casa de Zé Raimundo, mostrando a porta de entrada que se abre, surgindo Zé Raimundo, Marialva e Glorinha que vêm do interior da casa, para iniciar, cada um deles, sua atividade no novo dia. Glorinha, vestindo uniforme de colegial despede-se dos pais, com um beijo, ouvindo a mãe dizer:

MARIALVA: Não se esqueceu da merenda, Glorinha?

GLORINHA: Esqueci não, mamãe.

Zé Raimundo ergue a filha nos braços, beija-a carinhosamente e também lhe fala:

ZÉ RAIMUNDO: Estude bastante, minha filha, principalmente matemática. Vai com Deus.

Glorinha se afasta, enquanto Zé Raimundo volta ao interior da casa, de onde sai, pouco depois, carregando bateia e a quentinha com o almoço preparado pela mulher.

Antes de partir para o garimpo, Zé Raimundo também se despede:

ZÉ RAIMUNDO: Bom, vou indo, cavucar a terra e o rio. Quem sabe encontro um tesouro?...

MARIALVA: Deus te ouça, Zé!

Beija Marialva e, em direção contrária àquela seguida por Glorinha, Zé Raimundo se afasta a caminho do rio, enquanto Marialva retorna ao interior da casa, fechando a porta de entrada.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ - DATAS

No interior da casa, Marialva atravessa a pequena sala de entrada, pobremente decorada, e vai para um cômodo nos fundos, onde já se encontra a mãe, Dona Aparecida, tecendo os tapetes Arraiolos.

8. Dona Aparecida, viúva de, aproximadamente, 50 anos de idade, é uma mulher tristonha e envelhecida, os cabelos brancos, o rosto sulcado por rugas que revelam a áspera vida naquela região, de poucas oportunidades de trabalho.

A prática e o talento inato das tecelãs, espalhadas por todo o vale do Jequitinhonha, garantem a sobrevivência de muitas e modestas famílias, como a de Marialva, complementando o pouco, ou quase nada, que Zé Raimundo traz do rio e das grupiaras.

Marialva aprendera com a mãe o ofício de tecer, de forma manual, esses belos tapetes, cujos riscos são inspirados em antigos desenhos de Arraiolos, região de Portugal, sendo que seu início consiste em riscar o pano, de cor creme, feito de rami, fibra natural cultivada no Paraná, e a lã, usada nos bordados, com cardada nacional, vinda de São Paulo, e as franjas costuradas a mão com sobras de rami. Depois de prontos, são os tapetes levados a uma sala especial, onde ficam esticados no chão, presos nos cantos e em toda a volta, por grandes alfinetes, durante 24 horas. Depois, finalmente, são engomados com resina sintética, pincelada por meio de broxa, na medida justa.

Enquanto trabalham, com habilidade e rapidez, Marialva e a mãe conversam, preocupadas com os compromissos assumidos com os compradores dos tapetes, centralizados em Diamantina:

MARIALVA: Acho que hoje, ou amanhã, acabo o tapete, mamãe.

Dona Aparecida, sem tirar os olhos daquele que está tecendo, adverte:

DONA APARECIDA: Cê tá um pouco atrasada, Marialva. Precisamos entregar a encomenda ainda hoje, pra poder pegar outra.

EXTERIOR-FRENTE DA CASA DE JUCA REZENDE -MANHÃ

9. Enquadra-se agora Zé Raimundo atravessando a praça dominada pela bela igreja Matriz do Divino Espírito Santos, projeto do arquiteto francês Félix Quizard, inaugurada em 1870. Seguido pela câmera, em Pan-E-D, o garimpeiro aproxima-se da residência e loja de "seu" Juca Rezende, velho e estimado comerciante da cidade, que o garimpeiro avista conversando com o filho, Pedro Rezende, jornalista e repórter da televisão, nascido em Datas, e que chegara na véspera de Belo Horizonte, em viagem de férias.

10. Câmera detalha, em P.A., o encontro de Zé Raimundo com Pedro e o pai diante da casa comercial:

PEDRO REZENDE: Ôi, Zé Raimundo! Já vai pro Jequitinhonha?

Surpreendido com a presença do jornalista, Zé Raimundo se aproxima, cumprimenta o velho Juca Rezende e abraça cordialmente o amigo de infância:

ZÉ RAIMUNDO: Uai, Pedro! Você por aqui? Quando chegou?

11. Câmera, em Trav.-Avante, vai fixar Pedro e Raimundo em P.P., registrando a conversa de velhos amigos:

PEDRO REZENDE: Ontem à noite. Estava com saudade dos velhos e desta vida pachorrenta de cidade do interior. E você? Sempre cavucando a terra e o rio? Tem achado pedra boa?

ZÉ RAIMUNDO: Nada, Pedro. Só cascalho. Mas, se Deus quiser, um dia ainda vou bambur-rar!

PEDRO REZENDE: Fortuna grande você tem em casa, Zé Raimundo: a Marialva e a Glorinha. E como vai seu tesouro? Bem guardado?

ZÉ RAIMUNDO: Vai bem, Pedro, graças a Deus. E bem guardado.

PEDRO REZENDE: A Marialva tecendo sempre o Arraiolo?

ZÉ RAIMUNDO: Sempre. E fazendo tapetes cada vez mais bonitos. Passa em casa pra ver.

PEDRO REZENDE: Passo sim. E até compro um pra minha casa em Belo Horizonte.

ZÉ RAIMUNDO: E como vai dona Cleusa? E as crianças?

PEDRO REZENDE: Vão bem, Zé Raimundo, vão bem, obrigado.

ZÉ RAIMUNDO: Bem, vou indo pro rio. Quem sabe um diamante não tá me esperando?

PEDRO REZENDE: Vai com Deus.

12. Zé Raimundo se afasta, na direção do rio. Câmera, em Trav.-Avante, vai enquadrar Pedro Rezende e o pai em P.P., conversando:

JUCA REZENDE: Coitado. Nunca perde a esperança. Vai envelhecendo, como os outros garimpeiros, sonhando encontrar ouro e diamante, ficar rico. E quando encontra, quem enriquece não é ele, são os compradores de Diamantina, de Teófilo Ottoni, os contrabandistas que vendem as pedras no exterior.

PEDRO REZENDE: Um círculo vicioso, papai: o garimpeiro, que é vencido pelas dragas das grandes empresas, a degradação ambiental, a omissão do governo, a falta de fiscalização, o contrabando, a máfia internacional agindo no país.

JUCA REZENDE: Apesar de tudo, há sempre um teimoso, como o Zé Raimundo, com a bateia na mão, esperando bamburrar.

PEDRO REZENDE: O garimpeiro é assim mesmo, papai, o “ambicioso aventureiro”, como o definiu Felício dos Santos, pouco diferente dos outros brasileiros que, em vez de ouro e diamante, sonham ganhar os milhões na loteria, no bingo, na mega-sena.

JUCA REZENDE: Sonham, é verdade, cada vez mais pobres!

EXTERIOR - GARIMPO NO RIO - DATAS - MANHÃ

13. Zé Raimundo chega ao local onde, no rio Jequitinhonha, ele e o sócio Cirino garimpam com a velha e pequena draga a bomba. E lá se encontram os velhos instrumentos da faiscação, a “vara de sondar”, fina e comprida verga de aço; as “labancas”, cavadeiras, picaretas, enxadas,

carumbés, bateias, ralos e peneiras. Perto deles “improvisa-se um rancho-beira-no-chão”, onde se guardam as ferramentas e se “quenta” a comida na hora da bóia, instante bom para um dedo de prosa:

ZÉ RAIMUNDO: Então, Cirino, tudo bem em casa?

CIRINO: Mais ou menos, Zé, mais ou menos.

ZÉ RAIMUNDO: Uai! Por quê “mais ou menos”? O que aconteceu?

CIRINO: Discussão com a Tereza, você sabe. Ela está nervosa, reclamando de tudo! É o diabo!

E se calam, pensativos. Depois apanham os instrumentos e voltam a trabalhar, abrindo o valo, ou rego, por onde se guiam as águas para o desbarranque, ou rebaixo, na área correspondente à cata.

EXTERIOR-FRENTE DA CASA DE JUCA REZENDE-MANHÃ

14. Pedro Rezende e o pai continuam a conversa no mesmo lugar, na praça da igreja.

Conversam em voz baixa, deixando perceber que o assunto é confidencial.

Câmera, em campo e contra-campo, registra o diálogo dos dois:

JUCA REZENDE: E como vão as coisas com a Cleusa, meu filho?

PEDRO REZENDE: Não vão bem, papai. Acho que não vai dar certo. Já falamos em separação, divórcio, essas coisas...

JUCA REZENDE: O que aconteceu com vocês Pedro? Vocês se gostavam tanto um do outro!

PEDRO REZENDE: A Cleusa devia se casar era com banqueiro, homem de negócios, e não com um repórter de televisão que viaja de um lado para outro.

JUCA REZENDE: E os filhos, Pedro? Vão sofrer com a separação. E você também.

PEDRO REZENDE: Sei disso, papai. Por causa dos filhos, suporto tudo da Cleusa

JUCA REZENDE: Mas tudo o quê, meu filho?

PEDRO REZENDE: Tudo, papai. Mania de luxar, pôquer, futilidade, roupa cara e, pior do que tudo, infidelidade.

JUCA REZENDE: O quê, Pedro?! Infidelidade?! tem certeza?!

PEDRO REZENDE: Tenho quase certeza, papai, e isto eu não suporto!

15. Câmera recua, em Trav., e deixa entrar no enquadramento o delegado de Datas, doutor Altamiro, que se aproxima para comprar alguma coisa na loja.

O delegado, amigo de Juca Rezende, é um homem atarracado, estatura mediana, forte, com o ventre avantajado, os cabelos grisalhos, a fisionomia dura e enérgica de quem já enfrentou na polícia toda espécie de gente e situação perigosa. É respeitado, ou, melhor dizendo, temido na cidade e na região. Anda sempre armado e tem fama de valente e corajoso, capaz de enfrentar uma quadrilha inteira.

Altamiro se aproxima com o semblante descontraído, surpreendido ao encontrar Pedro Rezende na cidade:

DELEGADO ALTAMIRO: Bom dia. Uai, "seu" Juca, não sabia que o famoso repórter estava na cidade. Como vai, Pedro?

PEDRO REZENDE: O Pedro vai bem, quanto ao "famoso repórter" vai mais ou menos...

DELEGADO ALTAMIRO: Deve ir também muito bem, pois outro dia vi uma boa reportagem sua na televisão.

PEDRO REZENDE: A reportagem é boa, doutor Altamiro, mas o salário é que não é tão bom assim.

DELEGADO ALTAMIRO: Isto é modéstia rapaz. Dizem que a televisão paga muito bem. Quem paga mal é o governo.

PEDRO REZENDE: É só onda, delegado. Quem ganha bem é o Cid Moreira, o Bial, o Renato Machado, o Boris Casoy, o Gugu, o Ratinho...

16. Em novo enquadramento, câmera focaliza Pedro, o comerciante e o delegado Altamiro em P.M.

O delegado dirige-se ao comerciante e pergunta:

DELEGADO ALTAMIRO: O senhor tem fita pra máquina de escrever, "seu" Juca?

JUCA REZENDE: Tenho sim, doutor Altamiro.

PEDRO REZENDE: Máquina de escrever, delegado?... Em tempo de computador?...

DELEGADO ALTAMIRO: Como você vê! O governo está prometendo há um tempão, e nada até hoje. O jeito ainda é a velha Remington, coitada, que está precisando se aposentar!

JUCA REZENDE: Venha ver qual a fita que precisa.

Pedro Rezende aproveita a "deixa" e diz ao pai:

PEDRO REZENDE: Vou dar uma volta na cidade, papai.

JUCA REZENDE: É bom. Assim você vê que Datas está progredindo. Já tem até parabólica.

DELEGADO ALTAMIRO: Por isso você é tão conhecido por aqui, Pedro. Então até logo.

"Seu" Juca e o delegado entram na loja, enquanto Pedro Rezende, mudando de idéia, segue na direção da casa de Zé Raimundo e Marialva.

SOM - Batidas do sino da igreja.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

17. No interior da casa de Zé Raimundo, câmera detalha, em P.P.P., as mãos de Marialva, tecendo o Arraiolo.

Depois, em Trav-Atrás, abre o campo visual até P.A., fixando Marialva e a mãe em pleno trabalho de tecelagem.

Depois de alguns instantes de silêncio, só rompido pelo ruído do trabalho, dona Aparecida, sem desviar os olhos da paciente tarefa que executa, diz à filha:

DONA APARECIDA: E o Zé, Marialva, ainda fala em ir pra São Paulo?

MARIALVA: De vez em quando fala, mamãe. Diz que está desanimado com o garimpo.

DONA APARECIDA: Pior que o garimpo, Marialva, é a bobagem de ir pra São Paulo. Besteira grande!

MARIALVA: Eu sei, mamãe. Muita gente daqui vai pra lá, e se arrepende. A maioria não encontra trabalho, come o pão que o diabo amassou e volta mais pobre ainda!

Ficam em silêncio. Um silêncio povoado de pensamentos tristes e desesperançados.

18. Câmera inicia lento movimento de aproximação (Zoom ou travelling), até enquadrar Marialva e a mãe em P.P. Dona Aparecida, como se falasse para si mesma, comenta então:

DONA APARECIDA: Foi uma pena, minha filha, ter acabado seu namoro com o filho de "seu" Juca! Dizem que o rapaz está rico, tem casa bonita em Belo Horizonte, enquanto o Zé, coitado!...

MARIALVA: Não fale assim, mamãe! A senhora não diz sempre que "Deus escreve certo por linhas tortas"? Um dia o Zé acerta.

Neste exato momento ouve-se, em off, bater de palmas fora da casa

SOM - Bater de palmas, em off.

MARIALVA: Deixa que eu atendo, mamãe.

Levanta-se e sai de quadro.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

19. Deixando Pedro Rezende à esquerda do quadro, em P.P., câmera enquadra a frente da casa de Zé Raimundo em P.M.

A porta de entrada se abre, surgindo Marialva do interior da casa.

Surpreendida e, ao mesmo tempo, feliz, reconhece Pedro Rezende, a quem diz, surpreendida:

MARIALVA: Gente! Você por aqui, Pedro?
Quando chegou?

Pedro caminha alguns metros e se aproxima de Marialva, enquanto responde:

PEDRO REZENDE: Cheguei ontem, Marialva.
E você, como vai?

MARIALVA: Tocando a vida, Pedro, e tecendo meus Arraiolos. Mas, por favor, entre Pedre. A casa é sua!

PEDRO REZENDE: Obrigado, Marialva. Só passei para dar um alô e saber como vão indo, você, a Glorinha, sua mãe. Estive com o Zé Raimundo, quando ia pro garimpo. Está tudo jóia?

20. P.P. de Marialva, respondendo, com certa ironia:

MARIALVA: Jóia nada! Acoisa está mais pra bijuteria...

Pedro esboça um sorriso, enquanto Marialva continua, insistente:

MARIALVA: Mas não fique parado aí, Pedro!
Entre, ao menos pra tomar um cafezinho.

21. P.P. de Pedro Rezende, respondendo:

PEDRO REZENDE: Só entro se, com o cafezinho, você trouxe aquele pão-de-queijo delicioso que faz!

22. (como no nº 20): P.P. de Marialva:

MARIALVA: Está bem. Você entra e eu trago o cafézinho com pão-de-queijo.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - SALA - DIA

23. Instalada na pequena e modesta sala de visitas da casa de Zé Raimundo, câmera focaliza Marialva e Pedro Rezende. Os dois, enquadrados em P.M., vão sentar-se num sofá de palhinha, onde conversam:

PEDRO REZENDE: E a Glorinha? Estou com saudades dela. Deve estar linda e crescida, não é?

MARIALVA: Está uma mocinha, esperta, alegre, muito bonitinha.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até enquadrar Pedro e Marialva em P.P.

PEDRO REZENDE: Com a mãe bonita que tem! Ela gosta de estudar, Marialva?

MARIALVA: Não gosta muito não. Gosta mesmo é de brincar, bater no rio, fazer travessuras com o "Bilito".

PEDRO REZENDE: "Bilito"?...

MARIALVA: É o nome do cachorro que o Zé deu pra ela quando completou sete anos.

PEDRO REZENDE: Ela está mesmo com quantos anos?

MARIALVA: Já fez nove.

PEDRO REZENDE: E já bateia no rio? Outra garimpeira na família?

24. Campo: Pedro à esquerda, de perfil, com Marialva de frente, ligeiramente à direita.

Marialva, com um terno sorriso, responde:

MARIALVA: O pai fez uma bateia pequena pra ela se divertir no rio. Ela diz que ainda vai achar “um bruto diamante” no Jequitinhonha!... Coitada! É outra sonhadora...

25. Contra-campo: Marialva de perfil, à direita, com Pedro de frente, à esquerda:

PEDRO REZENDE: O Zé já achou os diamantes mais bonitos do mundo: você e a Glorinha...

26. Campo (como no plano 18).

Marialva, meio encabulada, responde com doçura e simplicidade:

MARIALVA: Bondade sua, Pedro...

Depois, lembrando-se do café e do pão-de-queijo, exclama:

MARIALVA: Ih, gente! Ia me esquecendo do cafezinho. Desculpe. Espere um pouco. Vou buscar.

27. P.M. da sala, mostrando Marialva que se afasta, enquanto a câmera, em lento Trav-Avante, vai enquadrar Pedro Rezende em P.P. e depois em P.P.P., iniciando “flash-back”.

SOM: Ruído de bomba de draga, subindo, meio distorcido.

SEQÜÊNCIA 2 (FLASH-BACK)

RESUMO: A seqüência 2 relata, em “flash-back”, o passeio amoroso de Pedro Rezende e Marialva. Jovens e românticos, caminham à margem do rio Jequitinhonha, próximo a Datas, revelando simplicidade e promessa sentimental de casamento que a ida de Pedro para Belo Horizonte iria desfazer. A volta ao passado termina quando, no plano 29, encerrando o “flash-back”, Marialva chega da cozinha, na atualidade, trazendo café e pão-de-queijo, que serve ao antigo namorado, que a visita

EXTERIOR - MARGEM DO RIO JEQUITINHONHA - DIA

28. Abrindo a sequência em "flash-back", câmera focaliza, em P.G., o rio Jequitinhonha.

O plano será realizado com efeito especial, sugerindo retorno retrospectivo no tempo. Inicialmente desfocada, pouco a pouco a imagem se estabiliza, mostrando um belo trecho do Jequitinhonha.

Câmera, através de panorâmica direita-esquerda, mostra, caminhando na margem do rio, Pedro Rezende e Marialva, adolescentes ainda (*trabalho especial de maquiagem, com roupa usada à época*).

Os dois caminham de mãos dadas, lentamente, ouvindo, em segundo-plano sonoro, o ruído de uma draga, que aparece no enquadramento.

SOM - Música romântica, de serenata.

29. Enquadrando em P.A. Pedro Rezende e Marialva, câmera os acompanha em Trav.-Atrás, registrando o diálogo singelo de namorados:

PEDRO REZENDE: Não fique triste, Marialva. Vou estudar em Belo Horizonte, mas venho sempre a Datas, ver meus pais, os amigos, principalmente você....

MARIALVA: Belo Horizonte tem moças lindas, Pedro... Você vai se esquecer de mim, caipira do interior...

PEDRO REZENDE: Não há moça linda de Belo Horizonte que me faça esquecer de você, Marialva!

Pedro, num gesto mais audacioso, enlaça Marialva, olhando-a com amor e ternura. Depois completa:

PEDRO REZENDE: Gosto muito de você... Crescemos juntos, brincamos juntos, como vou me esquecer de você?

De repente, num arroubo audacioso, Pedro atrai Marialva para si e a beija na boca, demoradamente.

SOM - Sobe música romântica.

Marialva deixa-se beijar, por alguns instantes. Mas depois, assustada, afasta-se de Pedro e diz:

MARIALVA: Não, Pedro, alguém pode ver! Olha ali aquele garimpeiro. Depois começam a falar...

PEDRO REZENDE: E que tem isto? Deixa falar, boba! A gente não vai se casar?

Sentam-se à margem do rio, cujas águas começam a agitar-se e, pouco a pouco, se desfocam, enquanto na trilha sonora, junto com o ruído do motor da pequena draga, também se ouve, distorcida, a voz de Pedro Rezende, repetindo:

PEDRO REZENDE (voz off, distorcida):
A gente não vai se casar? A gente não vai se casar... não vai se casar?...

A seqüência retrospectiva termina quando, na trilha sonora, em timbre normal, ouve-se a voz de Marialva, que reaparece com o café e o pão-de-queijo, dizendo:

MARIALVA (voz off, normal): Pronto, aqui está o café com pão-de-queijo, “seu” guloso...

SEQÜÊNCIA 3

RESUMO. Sucedendo ao “flash-back”, a nova seqüência retoma o cotidiano dos personagens centrais do filme: Zé Raimundo, no garimpo, conversa com Quirino; Pedro Rezende dialoga com Marialva em sua casa e revela, em confidência, os conflitos com a esposa, enquanto Glorinha, regressando da escola, na companhia de uma colega, é examinada pela médica Isolda no Posto de Saúde.

EXTERIOR - GARIMPO - DATAS - DIA

30. Câmera enquadra Zé Raimundo em P.M.L., aproximando-se de Quirino, que trabalha com a pequena draga de faiscação.

Ao fundo, o rio, com suas águas barrentas e, como uma impressionante moldura, a montanha granítica que percorre a região.

Câmera, em Trav.-Avante, focaliza os dois garimpeiros em P.P.

Zé Raimundo, alçando um pouco a voz por causa do barulho da bomba, diz ao amigo:

ZÉ RAIMUNDO: O Pedro Rezende chegou na cidade. Está meio envelhecido, o ar preocupado.

QUIRINO: É um repórter conhecido. Não está esnobando?

ZÉ RAIMUNDO: Está não. Continua simples, muito apegado à cidade onde nasceu.

QUIRINO: Ele não foi namorado da Marialva?

ZÉ RAIMUNDO: Foi, há muito tempo.

Raimundo faz qualquer coisa na draga e depois continua:

ZÉ RAIMUNDO: Você sabe, Quirino, que ainda tenho um pouco de ciúme do Pedro?

QUIRINO: Que bobagem, Zé! Foi namoro de criança. A Marialva é doida por você! Que ciúme é este? É até falta de respeito por ela!

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - SALA - DIA

31. Enquadram-se, em P.P., Pedro Rezende e Marialva, na sala. O jornalista apanha outro pão-de-queijo, que Marialva lhe estende. Come um pedaço e depois comenta:

MARIALVA: Ninguém cozinha como você, Marialva!

32. Em novo enquadramento, câmera favorece Marialva em P.P., com Pedro à esquerda, de perfil.

Marialva, com timidez, responde e depois pergunta:

MARIALVA: Bondade sua! E a Cleusa, não cozinha bem?...

PEDRO REZENDE: A Cleusa? Não sabe nem esquentar café! É uma dondoca, Marialva. Vive no cabeleireiro, nos chazinhos, no pôquer com as amigas.

Câmera recua, até P.A. Depois de um curto silêncio, Marialva, um pouco hesitante, pergunta:

MARIALVA: Você não é feliz, Pedro? Está um pouco tristonho...

PEDRO REZENDE: Não sou feliz não, Marialva. Meu casamento fracassou. Só continuo com a Cleusa por causa dos filhos. Estou pensando em trabalhar na Europa, ou nos Estados Unidos.

33. P.P. de Pedro, olhando fixamente Marialva nos olhos, e dizendo:

PEDRO REZENDE: Uma coisa eu sei Marialva: eu seria feliz é com você...

Câmera recua, em "travelling", abrindo o quadro até P.M., mostrando dona Aparecida, que chega do fundo da casa, surpreendida ao avistar Pedro:

DONA APARECIDA: Gente?! Então é você, Pedro? Pensei que fosse outra pessoa. Está de novo na terra?

Pedro Rezende levanta-se, aperta a mão que dona Aparecida lhe estende e depois a beija no rosto. E explica:

PEDRO REZENDE: Vim matar saudades. Da terra, dos pais, dos amigos, de vocês. E, para aproveitar a viagem, quero comprar outro Arraiolo bonito que vocês tecem tão bem!

DONA APARECIDA: Vou buscar alguns deles pra você escolher.

Depois que a mãe se afasta, câmera inicia Trav-Avante e vai enquadrar Marialva em P.P., os olhos baixos, o rosto exprimindo tristeza e doçura. Sobre a imagem do belo rosto de Marialva, inicia-se lenta

F U S Ã O

EXTERIOR - POSTO DE SAÚDE - DIA

34. Pela rua do Posto de Saúde de Datas vêm vindo Glorinha e outra menina, sua coleguinha e amiga Maria do Carmo. Estão voltando da Escola, enquadradas pela objetiva em P.G.

Câmera segue-as em Pan.D-E até diante da porta de entrada do Posto, diante da qual se encontra a médica pediatra Isolda, que lhes fala:

DOUTORA ISOLDA: Ôi, meninas. Venham aqui. Quero examinar vocês duas no consultório.

35. Em nosa angulação, câmera focaliza Glorinha, Maria do Carmo e a médica em P.A.

As meninas se aproximam da pediatra que coloca a mão no ombro de Glorinha e, carinhosamente, lhe fala:

DOUTORA ISOLDA: Preciso fazer exames periódicos nos alunos do Grupo. Venham comigo.

As três entram no Posto, ouvindo-se na trilha sonora, antecipada, solo romântico de violão.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 4

RESUMO: *A nova seqüência registra a romântica serenata que Zé Raimundo dedica a Marialva e Glorinha, diante da casa onde residem, em Datas. Na noite estival e envolvente da pequena cidade, Zé Raimundo entoa, acompanhando-se ao violão, uma típica cantiga seresteira, atraindo mulher e filha à janela, encantadas com a homenagem sentimental do garimpeiro. Quando a serenata termina, a pequena família se recolhe, feliz, para uma boa noite de sono e repouso.*

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

36. Enquadra-se, em P.G., a rua onde moram Zé Raimundo e Marialva. Por ela vem vindo, lançando sombras na fachada das casas, alguém tocando violão.

O vulto aproxima-se da objetiva, até ficar em P.A., identificado como o próprio Zé Raimundo, que continua a tocar violão, aproximando-se de sua casa. Câmera o segue, em Pan-E-D, até mostrá-lo a poucos passos da residência.

37. Em novo enquadramento, câmera focaliza Zé Raimundo em P.P., no instante em que começa a sereneta, acompanhando-se ao violão.

SOM:- Música de serenata.

Câmera faz panorâmica-circular e, no final, enquadra o seresteiro à esquerda do quadro, em P.A., e, ao fundo e à direita, em P.M., a modesta casa onde reside com Marialva e Glorinha.

SOM - Canção romântica entoada pelo seresteiro, com acompanhamento de violão.

38. Depois de focalizar a casa em P.M., câmera inicia lento Trav-Avante, centralizando uma das janelas da casa.

A janela se abre, deixando ver Marialva e Glorinha, abraçadas, sorrindo, olhando na direção de Zé Raimundo, cantando com empolgação.

SOM - Serenata em off.

O "travelling" termina quando a objetiva estiver enquadrando Marialva e Glorinha em P.P., ouvindo, felizes, a serenata-surpresa do pai.

Encantada com a serenata, Marialva, a certa altura, abraça Glorinha e lhe diz, baixinho:

MARIALVA: Seu pai tem voz bonita, não acha Glorinha?

GLORINHA: Mais bonita do que a do Roberto Carlos!

SOM - Serenata em off.

39. P.P. de Zé Raimundo, terminando a serenata, olhando ternamente para as pessoas que mais ama no mundo.

Terminando de cantar, Zé Raimundo caminha na direção de sua casa, saindo de quadro pela esquerda.

40. P.A. de parte da fachada da casa, favorecendo a janela onde Marialva e Glorinha observam Zé Raimundo, que entra no quadro pela direita, aproxima-se da janela e beija a mulher e a filha, dizendo:

ZÉ RAIMUNDO: Então, gostaram?

MARIALVA: Adoramos!

GLORINHA: Canta outra música, papai!

INTERIOR - SALA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

41. Instalada no interior da casa de Zé Raimundo, câmera enquadra, ligeiramente de perfil, à esquerda e em P.P., Marialva e Glorinha e, à direita, o seresteiro que finge iniciar outra música, mas em vez de cantar, diz à filha:

ZÉ RAIMUNDO: Não, Glorinha. Chega de cantoria, senão acordo toda a cidade. Amanhã cedo você tem escola. Vai pra cama, menina.

Zé Raimundo sai de quadro, pela esquerda, abre a porta e a fecha, já no interior de casa. Glorinha pula no colo do pai, que a beija carinhosamente.

Depois a menina vai correndo para o quarto, enquanto Zé Raimundo abraça Marialva e os dois, por sua vez, vão para o seu.

INTERIOR - QUARTO DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

42. Instalada no quarto de dormir de Zé Raimundo, câmera focaliza, em P.M., Marialva que se estende na cama de casal, enquanto o garimpeiro veste o pijama e, por sua vez, vai deitar-se, abraçando a mulher.

Mas, neste instante, a porta se abre e surge a filha, Glorinha, que pula na cama dos pais, pedindo:

GLORINHA: Deixa eu dormir hoje com vocês?

ZÉ RAIMUNDO: Se você ficar quietinha, a gente deixa, Glorinha.

A menina fica entre os dois, que a abraçam, enquanto câmera faz Trav-Avante, até enquadrar os três em P.P.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 5

RESUMO: *Um novo dia em Datas retrata os personagens do filme em sua rotina. Glorinha vai para a escola: Zé Raimundo para o garimpo; Pedro Rezende, na casa do pai, dialoga nervosamente, ao telefone, com a mulher, revelando o agravamento da crise conjugal que está vivendo, enquanto Marialva, de volta ao tapete Arraiolo, faz confidências à mãe, queixando-se da falta de perspectiva do marido no garimpo que só dá ouro e diamante às grandes empresas com suas dragas predatórias.*

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ

43. Câmera equadra parte da rua e a casa de Zé Raimundo em P.G.. O garimpeiro, Marialva e Glorinha estão iniciando nova jornada de trabalho e de estudo. A primeira a partir, com o uniforme, a mochila e a merendeira é Glorinha, que recebe um beijo dos pais e toma o caminho da escola.

Depois é a vez de Zé Raimundo, que vai, com seus petrechos, para o rio, tomando direção oposta à filha.

Marialva, por último, retorna ao interior da casa, fechando a porta de entrada.

EXTERIOR - CAMINHO PARA A ESCOLA - MANHÃ

44. Por um caminho de terra, um pouco afastado da cidade, que se vê ao fundo, câmera focaliza, de frente, Glorinha, aproximando-se da escola.

Enquadrada em P.A., câmera recua, em "travelling", mostrando a menina com o rosto alegre e feliz.

Depois de acompanhá-la em Trav-Atrás, câmera interrompe o movimento e, através de Pan-E-D, focaliza Glorinha aproximando-se da escola, por uma trilha de terra. Outras alunas também estão chegando, alegres, gritando, como de hábito.

SOM - Gritos e risos de crianças.

EXTERIOR - GARIMPO NO JEQUITINHONHA - MANHÃ

45. Depois de fixar, em detalhe, as mãos e os instrumentos de garimpo, que Zé Raimundo utiliza no Jequitinhonha, câmera recua, em Trav., e faz panorâmica de correção, abrindo o quadro até P.M., detalhando parte do rio, a draga e, mais ao fundo, Quirino ao trabalho.

SOM - Ruídos da bomba da draga e do rio.

INTERIOR - CÔMODO NA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

46. Marialva e dona Aparecida, focalizadas em P.P., estão em pleno trabalho, tecendo o tapete Arraiolo. Estão caladas e compenetradas, deixando perceber alguma coisa que as aborrece.

A primeira a falar é Marialva, que diz à mãe:

MARIALVA: Será que "seu" Monteiro paga

hoje a encomenda, mamãe? Estamos sem dinheiro.

DONA APARECIDA: "Seu" Monteiro é meio tratante, não sei se vai pagar. O Quirino não podia emprestar algum dinheiro a vocês?

MARIALVA: Acho que ele também está meio "quebrado", mamãe.

Dona Aparecida interrompe a tecelagem e, olhando fixamente a filha, cria coragem e comenta:

DONA APARECIDA: O Zé devia procurar trabalho, Marialva. "Seu" Juca não ofereceu um lugar pra ele na loja? E por quê não trabalha na roça, como os outros?

MARIALVA: O Zé detesta ficar atrás de um balcão, odeia enxada e prefere passar fome do que capinar...

DONA APARECIDA: Pelo menos teria um dinheirinho certo, todo mês, não sacrificaria vocês.

Câmera avança em Trav. e vai enquadrar Marialva em P.P., o semblante exprimindo tristeza e preocupação, respondendo à mãe, sem encará-la:

MARIALVA: Está difícil viver assim, mamãe! O Zé é teimoso, tem um orgulho bobo e orgulho em pobre é fome na certa!

DONA APARECIDA: Ele não percebe que acabou este tipo de garimpo com bateia e bomba velha que só encontra cascalho? Só as dragas dos ricos encontram ouro e diamante, Marialva! O Zé não é orgulhoso, minha filha! É teimoso, fracassado!

MARIALVA: Não fale assim, mamãe! A senhora é muito dura com ele!

Marialva, de repente, começa a chorar, deixando as lágrimas caírem sobre o tapete que tece.

Dona Aparecida então se comove, pára de trabalhar e lhe fala, mais ternamente:

DONA APARECIDA: Não chore, minha filha. Reze, peça a proteção de Nossa Senhora. Tenha fé que as coisas vão melhorar.

INTERIOR - CASA DE JUCA REZENDE - DIA

47. Na sala de visitas, no interior da residência do comerciante Juca Rezende, perto da igreja de Datas, câmera focaliza Pedro Rezende ao telefone.

Fixado inicialmente em P.A., câmera, em Trav.-Avante, vai enquadrar o jornalista em P.P., dizendo, irritadamente:

PEDRO REZENDE: Pois então faça o que quiser, Cleusa! Contrate advogado, inicie logo o processo na justiça! Mas uma coisa eu te digo: vou brigar pelos filhos! Não vai ser fácil como você pensa!

48. Em outra angulação, câmera deixa Pedro Rezende à esquerda do quadro, em P.A., mostrando, ao fundo, a porta de entrada na sala, pela qual surge, com a fisionomia séria, o pai do jornalista.

O comerciante fica parado junto à porta, ouvindo a réplica raivosa do filho, que, exaltadamente, responde à mulher, que o escuta em Belo Horizonte:

PEDRO REZENDE: Você não está sendo razoável, mulher! Tem pretensões absurdas, exigências que não vou aceitar!

Ouve mais alguns instantes, e depois termina exaltadamente a ligação:

PEDRO REZENDE: Está bem, está bem! Amanhã volto a Belo Horizonte e a gente resolve isto!

E bate o fone, nervoso. Depois acende um cigarro, os olhos perdidos em um ponto indefinido.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 6

RESUMO: Enquanto Quirino conversa com Zé Raimundo, preocupado com a decadência do garimpo e o drama dos mineiros que emigram para São Paul, voltando mais pobres do que foram, Marialva, tecendo o belo tapete Arraiolo, estranha a demora de Glorinha em voltar da escola. Olha as horas, o tempo passando, cada vez mais intranqüila. E decide ir à escola, onde se informa que a filha saíra normalmente no fim da aula, de volta à casa. Vai então chamar Zé Raimundo, no garimpo, e relata a Pedro Rezende, que já se prepara para retornar a Belo Horizonte, o estranho desaparecimento da filha. Pedro, então, preocupado, cancela a viagem e, com Marialva e Zé Raimundo, vai à Delegacia, mobilizando o delegado Altamiro e policiais na busca da menina.

EXTERIOR - GARIMPO NO JEQUITINHONHA - DIA

49. No garimpo do rio Jequitinhonha, Zé Raimundo prepara-se para o almoço. O velho relógio de pulso marca meio-dia e dez minutos.

Zé senta-se num morrinho, perto da praia de areia, retira a tampa da marmitta e começa a comer a comida preparada por Marialva. Ao lado dele, Quirino, entre uma garfada e outra, comenta:

QUIRINO: Não sei não, Zé, acho que não dá mais no garimpo. As dragas das mineradoras estão sugando a riqueza do rio. Muita gente foi embora. Estou pensando em vender a bomba, ir tentar a vida em Belo Horizonte, ou São Paulo.

ZÉ RAIMUNDO: Pensei nisto também, Quirino, mas a Marialva me desanimou. Disse que o irmão dela foi pra lá, não arranhou nada, passou até fome. São Paulo está cheio de nordestinos e mineiros desesperados, muitos pedindo esmola.

QUIRINO: E aqui, cê acha que está melhor, Quirino?! Quem não tem pensão do INSS só falta pedir esmola!

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

50. Focaliza-se o cômodo onde trabalham, na casa de Zé Raimundo, Marialva e Dona Aparecida, tecendo o Arraiolo.

Marialva, pela terceira ou quarta vez, espia o velho relógio de parede, marcando meio-dia e trinta e, com meio preocupada, comenta para a mãe:

MARIALVA: Glorinha já devia ter chegado, mamãe.

Levanta-se da cadeira e deixa o cômodo onde trabalha.

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA.

51. P.P. e depois P.G. da casa e rua onde moram Zé Raimundo e família.

Depois de enquadrar a casa, câmera aciona a lente Zoom e abre o quadro até P.G., fixando Marialva que abre a porta de entrada e ganha a rua, olhando na direção por onde Glorinha sempre chega da escola.

A rua está vazia. Depois de alguns instantes, retorna ao interior da casa, seguida pela câmera, que faz Pan-E-D.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

52. Marialva retorna ao cômodo onde trabalha com a mãe. Apanha o material e reinicia a tecelagem. Mas, pouco depois volta a consultar o relógio, cada vez mais intranquã, dizendo:

MARIALVA: A Glorinha nunca se atrasa, mamãe. Vou dar um pulo na escola.

Deixa o cômodo, seguida pela câmera em Pan.E-D., atravessa a sala de visitas e chega à rua.

EXTERIOR - GRUPO ESCOLAR DE DATAS - DIA

53. P.G. da escola primária onde estuda Glorinha. Marialva entra no quadro, pela direita, e se aproxima da prédio, no instante em que a professora, dona Emília, está saindo.

Marialva vai ao seu encontro e a interroga.

54. P.A. de Marialva e a professora, que dialogam:

MARIALVA: Bom dia, dona Emília. Vim aqui porque Glorinha ainda não chegou em casa. Ela saiu mais cedo da aula?

PROFESSORA: Não, Marialva. Chegou direitinho, acompanhou as aulas, esteve no recreio e depois foi pra casa.

MARIALVA: A senhora sabe se voltou com alguma colega?

PROFESSORA: Acho que não, pois a Maria do Carmo, que vai sempre com ela, veio conversar comigo sobre o dever.

MARIALVA: Está bem, dona Emília. Vou ver se está na casa de alguma coleguinha. Obrigada.

E se afasta, apressadamente, mais preocupada ainda.

INTERIOR - VENDA DE JUCA REZENDE - DIA

55. No interior da casa comercial de "seu" Juca, Pedro Rezende se prepara para regressar a Belo Horizonte.

Com uma pequena mala, o jornalista deixa o interior da venda e, na calçada, conversa com o pai.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA DE JUCA REZENDE - DIA

56. Em movimento de "raccord", Pedro e o pai chegam à calçada da casa comercial e conversam, enquadrados em P.P.

PEDRO REZENDE: Chegando a Belo Horizonte, vou conversar com o Lustosa, que é meu amigo e um bom advogado. Vou lutar por meus direitos, papai.

JUCA REZENDE: Mas vai com calma, meu filho. Não perca as estribeiras, que é pior... Pense sempre nos filhos.

O diálogo é interrompido quando avistam Marialva, muito nervosa, caminhando na direção do rio.

Pedro dá dois passos e a chama:

PEDRO REZENDE: Uai, Marialva, o que aconteceu? Por quê essa pressa?!

Marialva se aproxima e explica, o rosto exprimindo uma grande aflição:

MARIALVA: A Glorinha não chegou até agora da escola! Vou chamar o Zé Raimundo!

PEDRO REZENDE: Você foi à casa de alguma colega?

MARIALVA: Fui, e ninguém sabe de nada. Estou ficando apavorada, Pedro!

E se afasta, na direção do rio, sem ao menos despedir-se. Pedro a observa se afastando por alguns instantes. Depois comenta:

PEDRO REZENDE: Ela está angustiada, papai. Vou esperar sua volta com o Zé Raimundo.

EXTERIOR - GARIMPO DO RIO - DIA

57. P.G. do rio e do local onde Zé Raimundo trabalha, vendo-se Marialva que dá a notícia do desaparecimento de Glorinha. O forte ruído da bomba da draga impede que se ouça a fala dos dois.

SOM - Ruído forte da bomba da draga.

Zé Raimundo se aproxima de Quirino e avisa que vai com Marialva.

58. Em nova angulação, câmera deixa parte do rio e de sua margem no quadro e focaliza Marialva e o marido que se afastam, na direção da cidade.

EXTERIOR - CASA DE JUCA REZENDE - DIA

59. Em posição estratégica, câmera focaliza a rua que leva ao rio, pela qual estão vindo Marialva e Zé Raimundo, e, na esquina, a casa comercial de "seu" Juca Rezende.

Diante dela ainda estão o jornalista e o comerciante, que observam a chegada do casal e vão ao seu encontro.

60. P.A. de Zé, Marialva, Pedro e "seu" Juca Rezende.

Pedro Rezende dirige-se ao casal e sugere:

PEDRO REZENDE: Vamos à Delegacia, Zé. Doutor Altamiro pode ajudar.

ZÉ RAIMUNDO: Coisa esquisita, não é, Pedro?

Pedro volta-se para o pai e avisa:

PEDRO REZENDE: Vou com eles, papai.

JUCA REZENDE: Então não viaja para Belo Horizonte?

PEDRO REZENDE: Não, papai. Fico aqui até Glorinha aparecer. Se a Cleusa telefonar diga que ligo mais tarde.

Os três se afastam, seguidos pela câmera que recua em "travelling" e, através de panorâmica, focaliza o grupo que se encaminha para a Delegacia.

INTERIOR - DELEGACIA DE DATAS - DIA

61. No gabinete da Delegacia, câmera enquadra Zé Raimundo, Marialva, Pedro e doutor Altamiro, conversando sobre o desaparecimento de Glorinha.

Pelo relógio fixado na parede da repartição, verifica-se que são 3 horas da tarde.

Marialva não disfarça sua grande inquietação, ouvindo as perguntas do delegado:

DELEGADO ALTAMIRO: Procurou na escola, na casa das colegas da menina?

MARIALVA: Procurei, doutor Altamiro. Ninguém sabe informar nada.

DELEGADO ALTAMIRO: Alguém falou sobre o caminho que ela tomou, voltando pra casa?

MARIALVA: Parece que veio por um atalho, pra encurtar caminho.

O delegado chama dois detetives e determina:

DELEGADO ALTAMIRO: Rubens e Tenório, venham comigo.

Depois diz a Marialva, Zé Raimundo e Pedro Rezende:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos até a escola e, de lá, percorremos os caminhos que a menina pode ter feito.

E saem, apressadamente.

SEQÜÊNCIA 7

RESUMO: *O desaparecimento de Glorinha mobiliza policiais, amigos e moradores anônimos, solidários com o sofrimento de Marialva e Zé Raimundo. Pedro Rezende, com a experiência de repórter e a amizade que o liga ao casal, atua intensamente nas investigações do estranho caso, surgindo a hipótese de seqüestro, ou de estupro seguido de assassinato como assustadora explicação para o mistério. Marialva, desesperada, recorre à fé religiosa e, em confissão ao vigário da cidade, faz a promessa, se Glorinha reaparecer, de atravessar a igreja-matriz de joelhos até o altar de Nossa Senhora da Coincência. Detalhe que intriga delegado, policiais e Pedro Rezende é a aparição intermitente na cidade de uma médica, doutora Isolda, que, na véspera, examinara Glorinha e outras crianças de Datas e localidades vizinhas. Pedro decide visitar os locais onde se deu o desaparecimento de três outras crianças.*

EXTERIORES DIVERSOS - DATAS - DIA E TARDE

62 a 72. Os próximos plano abrem uma nova seqüência mostrando em "flashes" fixados em diferentes locais, as buscas realizadas pelo delegado, os detetives, Pedro Rezende, Marialva e Zé Raimundo nas imediações da escola, nos caminhos e ruas seguidos normalmente por Glorinha.

O grupo se divide: o delegado, Pedro e um detetive seguem por uma determinada direção, enquanto Zé Raimundo, Marialva e outro detetive seguem por outra.

Serão "flashes" de curta duração, mostrando os dois grupos que investigam em diferentes locais, fazendo perguntas a moradores, vasculhando matagais na periferia da cidade.

A certa altura, perto de uma trilha mais afastada, o delegado vai observar a margem de um riacho. Depois se aproxima de Pedro e do detetive Rubens, enquadrados em P.P., comentando, intranquilo:

DELEGADO ALTAMIRO: Estou achando muito estranho o sumiço da menina!

O detetive aproveita para perguntar:

DETETIVE RUBENS: Não está parecendo um seqüestro, doutor Altamiro?

DELEGADO ALTAMIRO: Seqüestro?! Ficou doido, Rubens? O Zé Raimundo não tem onde cair morto! O seqüestrador iria pedir resgate a um garimpeiro sem eira, nem beira?! Hipótese absurda, homem!

Depois de focalizar o grupo em P.M., câmera inicia Trav-Avante e vai enquadrar Pedro Rezende em P.A. meio afastado. Pedro se aproxima do delegado e lhe fala, com a fisionomia exprimindo temor:

PEDRO REZENDE: Estou pensando numa coisa pior do que seqüestro, doutor Altamiro.

O movimento de aproximação, por "travelling", prossegue até enquadrar Pedro Rezende em P.P.:

PEDRO REZENDE: E se foi um tarado sexual, um degenerado que raptou a menina para estuprá-la? Isto acontece...

Câmera faz Pan-E-D e vai enquadrar o delegado também em P.P., a fisionomia pensativa, ouvindo a observação de Pedro, fora de quadro, e que continua:

PEDRO REZENDE (*voz off, continuando*):
... muito, no Brasil, em toda parte!

Há uma pequena pausa, uma pausa de assustada reflexão sobre a terrível hipótese formulada pelo jornalista. Pouco depois o delegado concorda, também preocupado:

DELEGADO ALTAMIRO: Sim, isto é possível, Pedro! Infelizmente é possível!

74. P.A. do delegado, Pedro Rezende e o detetive Rubens, atemorizados com a inquietante possibilidade de rapto e estupro de Glorinha.

O detetive Rubens volta-se para o delegado e opina:

DETETIVE RUBENS: Muitos depravados arrastam meninos e meninas para um local isolado, satisfazem seus baixos instintos e depois os matam, pra não serem identificados!

DELEGADO ALTAMIRO: É verdade, Rubens, desgraçadamente isto é verdade!

Pedro Rezende aproxima-se do delegado e lhe fala, baixando o tom da voz:

PEDRO REZENDE: É melhor não se falar com ninguém sobre isto, principalmente com Zé Raimundo e Marialva.

DELEGADO ALTAMIRO: Está certo, Pedro. Vamos guardar sigilo e mudar o rumo das investigações.

EXTERIORES DIVERSOS - DATAS - DIA

75 a 82. Uma nova série de planos, ou de "flashes" de curta duração, mostrará o grupo do delegado, acrescido de outros integrantes da Delegacia, vasculhando recantos diversos num perímetro maior em torno da cidade de Datas, como macegas, matagais, grotões, margens de riachos, matas fechadas, capinzal e plantações.

SOM - Ruídos ambientais e, ao fundo, sino da igreja-matriz.

INTERIOR - IGREJA-MATRIZ - TARDE

83. Focaliza-se Marialva no confessionário da igreja-matriz de Datas. O enquadramento inicial mostra a tecelã em P.G., ajoelhada ao confessionário, com parte da bela igreja servindo de moldura.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até fixar Marialva em P.P., confessando-se ao pároco, padre Arnaldo, com voz sussurrada:

MARIALVA: Estou desesperada, padre Arnaldo! Acho que é castigo de Deus.

PADRE ARNALDO (voz off): Não, minha filha, Deus não castigou você, que é uma

moça cristã, trabalhadora, boa mãe, boa esposa.
Deus castiga aqueles que fazem o mal aos
semelhantes.

84. Instalada no interior do confessionário, câmera enquadra padre Arnaldo em P.P. à direita, de perfil, ouvindo a confissão de Marialva, delineada através da tela perfurada, respondendo ao pároco:

MARIALVA: Não sei como isto aconteceu, padre Arnaldo! Glorinha é a coisa que mais amo na vida! E desaparece desse jeito!

PADRE ARNALDO: Tenha fé e reze, minha filha! Faça uma promessa a Nossa Senhora da Conceição, ela vai te ajudar!

MARIALVA: Faço agora, padre Arnaldo, e o senhor é testemunha: se Glorinha aparecer, sã e salva, mando celebrar missa e caminho de joelhos na igreja até o altar de Nossa Senhora da Conceição. Juro por Nosso Senhor Jesus Cristo!

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA - TARDE

85. P.G. da praça da igreja, vendo-se o delegado, Pedro Rezende, Zé Raimundo e os detetives que estiveram procurando Glorinha.

Marialva surge no alto da escadaria da igreja e, vendo o marido e o grupo, vai depressa ao seu encontro, muito aflita.

86. Em "raccord" de movimento, câmera, de outro ângulo, focaliza Marialva, em P.A., aproximando-se do marido e perguntando, muito aflita:

MARIALVA: Então, Zé: alguma notícia?

Zé Raimundo, desanimado, abraça a mulher e responde:

ZÉ RAIMUNDO: Nada ainda, Marialva, mas, se Deus quiser, ela vai aparecer! Você vai ver! Deus é grande!

Marialva começa então a chorar, abraçada ao marido.

87. Meio afastados de Marialva e Zé Raimundo, o delegado, Pedro Rezende e dois detetives trocam idéias. Aproxima-se dos dois, apressadamente, o escrivão Marcílio, dizendo:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: O Rogério, que trabalha no Posto de Saúde, disse que ontem a doutora Isolda esteve examinando a Glorinha e outras alunas da escola.

DELEGADO ALTAMIRO: Seria bom conversar com a médica, Marcílio.

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Fui ao Posto, doutor Altamiro, para falar com ela. Mas lá me informaram que ela viajou pra Gouveia.

88. P.P. do delegado e do escrivão. Mais ao fundo Pedro Rezende conversa com Zé Raimundo e Marialva.

Marcílio, falando em tom de voz mais baixo, comenta para o delegado:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Acho muito esquisitos os sumiços desta médica, doutor Altamiro! Fica uns dias em Datas, depois vai pra Guinda, Mendanha, Gouveia...

O delegado, meio irritado, retruca ao funcionário:

DELEGADO ALTAMIRO: Uai, Marcílio! Está querendo dizer que a médica seqüestrou a menina?! Que besteira, homem!

A réplica do delegado embaraça o escrivão, que responde:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Não é bem isso, doutor... Mas, acho meio esquisito!

O delegado, agora francamente hostil, responde rispidamente ao funcionário:

DELEGADO ALTAMIR: Você não sabe, Marcílio, que a doutora Isolda percorre o Alto Jequitinhonha dando consultas gratuitas às crianças pobres?!

89. P.M. dos dois grupos liderados pelo delegado. Zé Raimundo e Marialva são vistos entrando na igreja, enquanto Pedro Rezende se aproxima de Altamiro.

90. P.P. do delegado, do escrivão e de Pedro Rezende que, parando ao lado de Altamiro, lhe fala, contristado:

PEDRO REZENDE: A Marialva está desesperada! O caso é muito sério, doutor Altamiro!

DELEGADO ALTAMIRO: Estamos fazendo todo o possível para encontrar a menina, Pedro Rezende. Também estou abespinhado com isto!

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa, doutor Altamiro: sabe quando foi que desapareceu aquele menino de Mendanha?

DELEGADO ALTAMIRO: Não me lembro bem, mas acho que foi há algum tempo.

91. Câmera faz Trav-Atrás, abre o quadro até P.A. do grupo, mostrando o detetive Rubens que se aproxima do delegado e esclarece:

DETETIVE RUBENS: Foi há uns 20 dias atrás, doutor delegado. Meu tio Agripino, que mora em Mendanha, é amigo do pai do menino que sumiu e nunca mais foi encontrado.

É quando outro detetive, o Edmir, um negro alto e espadaudo, de grandes bigodes, intervém, para informar com voz gutural:

DETETIVE EDMIR: E não foi só ele que desapareceu, doutor Altamiro. Também sumiram uma menina em Guinda, e outra em Rio Manso.

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Rio Manso não, Edmir. A cidade agora se chama Couto de Magalhães.

DELEGADO ALTAMIRO: O nome não importa! O importante é o fato da Glorinha ser a quarta criança a desaparecer nesta região. Isto me deixa muito intrigado!

PEDRO REZENDE: Se o senhor não se importar, doutor Altamiro, gostaria de fazer uma investigação em Mendanha, Guinda e Rio Manso. Investigação jornalística, bem claro.

DELEGADO ALTAMIRO: Acho muito bom isto, Pedro. Certos jornalistas, como você, têm um atilado faro policial. Quer que destaque um detetive para ir junto?

PEDRO REZENDE: Não precisa, doutor Altamiro. Assim o senhor, continua as investigações com seu pessoal, que é muito competente.

Ouve-se, neste instante, a voz off de “seu” Juca Rezende, chamando o filho:

JUCA REZENDE (voz off): Pedro... Telefone para você, meu filho.

PEDRO REZENDE: Com licença. Mais tarde passo na delegacia. Até logo.

E se afasta, saindo de quadro na direção da casa comercial do pai.

O delegado e sua turma atravessam a praça, conversando, a caminho da delegacia.

SOM - Entra, antecipando-se às imagens, o ruído de carro rodando na estrada.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 8

RESUMO: *Pedro Rezende, intrigado com o desaparecimento de Glorinha e outras crianças e com a aparição periódica da médica Isolda na região, visita Mendanha, Guinda e Couto de Magalhães, onde conversa com moradores e populares, informando-se sobre o fato. Em Mendanha dialoga com um velho morador, “seu” Matias, que lhe traça um retrato pessimista do povoado. Em Guinda participa de um incidente constrangedor com a mãe de Valéria, outra menina desaparecida, e toma conhecimento de que a médica Isolda também a examinara demoradamente na véspera de sumir.*

Em Couto de Magalhães, finalmente, testemunha a fúria agressiva de um mendigo, injustamente acusado do desaparecimento de um aluno do Grupo Escolar. À noite, Marialva, dormindo, tem um terrível pesadelo, envolvendo Glorinha, e acorda Zé Raimundo com um grito que ecoa pela cidade. Regressando a Datas, o jornalista relata ao delegado a tumultuada viagem que fizera àquelas localidades do Alto Jequitinhonha e fica sabendo, por intermédio de um viajante-comercial, das relações da médica Isolda com um estrangeiro desconhecido, com o qual é vista na cidade de Diamantina. Intrigado com o fato, Pedro viaja a Diamantina na companhia do detetive Rubens.

EXTERIORES - MENDANHA E GUINDA - DIA

92 a 105. Nova série de planos focalizará Pedro Rezende viajando, inicialmente, em seu carro, para o distrito de Mendanha, revelando a paisagem montanhosa da região; o rio Jequitinhonha, onde são vistos garimpeiros e dragas em pleno trabalho de mineração, e, finalmente, o pobre e solitário lugarejo com suas casas pobres, erguidas em ruas íngremes e tortuosas, habitadas por uma população rarefeita e tristonha.

Algumas "tomadas" serão "flashes" de curta duração, outras mostrarão o jornalista conversando com moradores que encontra nas ruelas, ou dialogando com outros que, postados na janela, o observavam com olhos tristes e apáticos.

SOM - Ruídos ambientais, gritos de crianças, música incidental de efeito dramático

106. Num recanto de Mendanha, Pedro aproxima-se de um velho morador, debruçado na janela de um casebre, e com ele conversa, ambos enquadrados em P.A.

PEDRO REZENDE: Bom dia.

MORADOR VELHO: Dia...

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa, amigo: o senhor conhece a família do menino que desapareceu mais ou menos um mês atrás?

MORADOR VELHO: Conheço sim. É o Luizinho, filho do Chico Fortunado, que trabalha na roça. Mas, por quê tá perguntando isso, moço? O senhor é da polícia?

PEDRO REZENDE: Não, não. Sou jornalista de Belo Horizonte, estou preparando uma matéria para meu jornal. Como é seu nome?

MORADOR VELHO: Me chamo Matias, mas aqui só me chamam de "velho Matias". E o seu?

PEDRO REZENDE: Pedro Rezende. Desculpe tomar seu tempo, "seu" Matias. Mas como foi que o menino sumiu?

VELHO MORADOR: Foi levar a marmita pro Chico Fortunato, na roça, e nunca mais voltou. Muita gente some por aqui: velho, moço, criança, marido, mulher, gente pobre, muito pobre. Quem é rico, vai pra Diamantina fazer negócio com pedra, tomar chope, fazer serenata pra mulher bonita, contar casos do Juscelino.

PEDRO REZENDE: Mas aqui tem o rio para os pobres, "seu" Matias, tem pedra pra garimpar, peixe pra comer.

107. Câmera avança, em "travelling", até enquadrar em P.P. o velho Matias, respondendo, com a irônica melancolia de homem maltratado:

VELHO MORADOR: Nem isto tem mais, moço! Tiraram tudo de nós: peixe, diamante, turmalina! E até nossos filhos estão tirando! O rio não é mais dos garimpeiros, mas das dragas dos poderosos! O senhor já viu como nosso Jequitinhonha está maltratado? Acaba virando riacho!

F U S Ã O

EXTERIORES - ESTRADA E GUINDA - DIA

108. - Câmera focaliza, em P.G., o carro de Pedro Rezende surgindo numa curva da estrada asfaltada, aproximando-se do povoado de Guinda. Depois, em Pan., segue o veículo e mostra algumas casas de Guinda.

109. Na praça principal de Guinda, com a velha igreja ao fundo, câmara focaliza, também em P.G., o carro de Pedro que estaciona em um canto do arraial.

Pedro desce e, mais adianta, aborda um morador, sem que se ouça o diálogo dos dois.

Vê-se, no entanto, que o morador aponta para uma ruela da cidade, para a qual Pedro se encaminha.

EXTERIOR - RUELA E CASA DE GUINDA - DIA

110. P.M. e depois P.P. por Trav-Avante.

Depois de focalizar em P.M. a ruela de Guinda, câmara avança em "travelling" e vai enquadrar uma casinha humilde.

Nela se encontra uma mulher ainda jovem, precocemente envelhecida.

O movimento de aproximação da câmara termina quando o enquadramento alcançar P.P., deixando a mulher ligeiramente à esquerda e, à direita, meio de perfil, mostrando Pedro que se aproxima para dizer:

PEDRO REZENDE: Bom dia, dona Dulce.
Meu nome é Pedro Rezende, filho de "seu" Juca, de Datas.

DONA DULCE: Conheço, conheço seu pai, moço. É homem bom. Meu falecido marido, conhecia muito "seu" Juca Rezende. Está passando por aqui?

PEDRO REZENDE: Na verdade, dona Dulce, vim conversar com a senhora, saber como sua filha Valéria desapareceu.

Ouvindo Pedro falar na filha, a moradora de Guinda se assusta e exclama, com voz alterada:

DONA DULCE: Ah, coitadinha! a Valéria era uma menina alegre, forte, tanto que a médica disse que era a mais forte e bonitinha daqui!

INTERIOR - CASA DE DONA DULCE EM GUINDA - DIA

111. Instalada no interior da casinha, câmara enquadra dona Dulce à esquerda, de perfil e, de frente, à direita, em P.P., Pedro Rezende.

Ouvindo falar na médica, Pedro manifesta surpresa e pergunta:

PEDRO REZENDE: A médica, doutora Isolda, esteve aqui, examinando a menina?

DONA DULCE: Examinou sim, no Posto de Saúde. Disse que ela tinha ótima saúde.

PEDRO REZENDE: E quando foi isto, dona Dulce?

DONA DULCE: Um dia, ou dois, antes da Valéria sumir.

PEDRO REZENDE: E a que hora ela sumiu, dona Dulce?

DONA DULCE: De tarde, quando voltava da escola.

PEDRO REZENDE: Ela saiu com a médica?

DONA DULCE: Não. A médica tinha ido pro Rio Manso.

EXTERIOR - RUA E CASA DE DONA DULCE EM GUINDA - DIA

112. Voltando à parte externa da casa, câmera focaliza Pedro e dona Dulce em P.A.

Antes de ir embora, Pedro ainda diz:

PEDRO REZENDE: A senhora chegou a conhecer a médica, dona Dulce?

DONA DULCE: Cheguei. Vinha de vez em quando a Guinda, dava consultas de graça. Veio um vez aqui em casa, tomou cafezinho e examinou a Valéria. Era muito atenciosa, parecia gostar muito da menina.

PEDRO REZENDE: Se Deus quiser, dona Dulce, a Valéria vai aparecer, forte, com saúde. Tenho certeza que vai aparecer.

DONA DULCE: Não tenho mais esperança não, moço! Já sofri muito nesta vida, “seu” Pedro! Perdi meu marido, perdi a Valéria, perdi tudo, até a fé! Vivo aqui, sozinha, como morcego, nesta casa escura!

Inesperadamente, chorando convulsivamente, dona Dulce deixa a janela, sai da casinha, aproxima-se de Pedro, aperta-lhe o braço e começa a gritar, histericamente, como se tivesse enlouquecido:

DONA DULCE: Traz minha filha de volta, “seu” Pedro! Pelo amor de Deus, quero minha filha! Quero a Valéria de volta!

113. P.G. da viela e da casa de Dona Dulce. Os gritos da mãe da menina desaparecida atraem passantes e moradores de Guinda.

Pedro Rezende, constrangido, muito assustado, tenta acalmar a mulher, dizendo confusamente:

PEDRO REZENDE: Fique calma, dona Dulce, fique calma, por favor! Ela vai voltar, sua filha vai voltar pra senhora, a Valéria vai aparecer!

Dona Dulce não se acalma e, ao contrário, fica ainda mais exaltada, gritando forte com voz desesperada:

DONA DULCE: Todo mundo diz isto, e minha filha não aparece! Tiraram minha filha de mim, mataram minha filha! E todo mundo diz para eu ter esperança! Mentira, é tudo mentira! Ela não volta mais! Mataram minha filha, mataram minha Valéria! Ai, meu Deus, não agüento, não agüento mais!

Desesperada, chorando, com gestos descontrolados, a pobre mulher, de repente, abraça Pedro Rezende e cai de joelhos, segurando as pernas do jornalista, gritando com voz roufenha:

DONA DULCE: Quero minha filha de volta! Me traz ela de volta, moço, traz minha filha, pelo amor de Deus! Traz minha filha!

Uma vizinha, penalizada, aproxima-se e ajuda dona Dulce a levantar-se.

E a leva de volta ao casebre, enquanto Pedro Rezende, contrafeito, deixa apressadamente o local, ouvindo alguém comentar:

UM MORADOR: Coitado do moço! Não sabia que a Dulce fica assim, quando perguntam pela filha!...

EXTRADA E COUTO DE MAGALHÃES - DIA

114. Em corte direto, câmera, instalada no interior do carro de Pedro Rezende, rodando na estrada asfaltada próxima à cidade de Couto de Magalhães, focaliza o jornalista de perfil, em P.P., e, ao fundo, as primeiras casas do antigo arraial de Rio Manso.

SOM - Ruído do carro em movimento.

Pedro está sério, pensativo, afetado pelo incidente de Guinda.

115. Instalada em carro especial, equipado para registrar planos em "travelling", câmera focaliza a pequena praça na entrada de Couto de Magalhães, com a velha igreja e, ao fundo, algumas casas extremamente pobres, compondo um conjunto de pobreza e solidão.

SOM - Carro em movimento e batidas ritmadas de sino velho.

EXTERIOR - BOTEQUIM DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

116. Focaliza-se, em P.G., o carro de Pedro Rezende chegando e parando diante de um botequim, logo na entrada de uma praça com a igreja-matriz da cidade, ao fundo.

Pedro desce do carro e entra no bar, onde estão alguns moradores da localidade.

INTERIOR - BOTEQUIM DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

117. P.M. do interior do botequim na praça de Couto de Magalhães: o balcão, com as prateleiras repletas de produtos típicos, vendidos em locais idênticos, com destaque para muitas garrafas de cachaça, e, em ponto elevado, encaixada na prateleira, um aparelho de televisão com um programa de auditório.

SOM - Televisão transmitindo programa de auditório, com uma banda cantando música de sucesso.

Pedro se aproxima e cumprimenta os moradores que fazem da venda local tradicional de encontro para uma cachaça e um "bate-papo":

PEDRO REZENDE: Bom dia a todos.
Alguns respondem, monossilabicamente:

MORADORES: Dia...
O dono do bar, um homem pardo, de barriga avantajada e um bonezinho sujo na cabeça, aproxima-se do jornalista e pergunta:

DONO DO BAR: Alguma coisa, moço?

PEDRO REZENDE: Um Guaraná. *(ou Coca-Cola, ou uma cerveja em lata, etc.).*

O comerciante apanha a bebida e um copo, que estende ao jornalista.

118. P.A. de Pedro e do comerciante, vendo-se, ao fundo, dois ou três moradores da cidade.

Pedro despeja a bebida no copo, bebe um gole. Logo em seguida, o dono do bar, bisbilhoteiro, pergunta:

DONO DO BAR: Dando uma voltinha?

PEDRO REZENDE: Sou jornalista, trabalho em Belo Horizonte. Estou preparando uma reportagem.

119. P.P. do comerciante, que pergunta, meio irônico:

DONO DO BAR: Reportagem nesta biboca onde o diabo perdeu as botas?...

120. P.P. de Pedro Rezende, que esboça um sorriso e responde:

PEDRO REZENDE: É uma cidade simpática, igual às outras do interior. O importante não é a cidade, mas as pessoas que vivem nela.

121. P.M. e depois P.P. por Trav-Avante.

Em nova angulação, câmara focaliza o interior do bar. Um dos moradores, homem já idoso, de barba e cabelos brancos, gosta do elogio, aproxima-se de Pedro Rezende e lhe fala:

MORADOR IDOSO: Falou bem, rapaz! É isto mesmo! O importante é o povo! A cidade pode ser pobre, sem arranha-céu, sem asfalto, sem automóvel na rua, mas o povo é bom e trabalhador!
OUTRO MORADOR: Se não tem automóvel, anda a cavalo, ou de bicicleta, não é mesmo?

Câmera inicia lento Trav-Avante, até enquadrar Pedro e o morador idoso em P.P.

Pedro, estimulado pela conversa, então pergunta:

PEDRO REZENDE: Sempre achei isto. É melhor ser otimista, do que pessimista.

MORADOR IDOSO: Mas otimista sem dinheiro no bolso é como chuteira sem bola no pé.

PEDRO REZENDE: Tem razão. Mas, me diga uma coisa: como é mesmo seu nome, amigo?

MORADOR IDOSO: Jeremias Monteiro, às suas ordens.

PEDRO REZENDE: Posso lhe oferecer alguma coisa, “seu” Jeremias?

MORADOR IDOSO: Pode sim, moço. Uma cachacinha, por exemplo.

122. P.A.L. de parte do bar, de Pedro, o morador idoso e o dono do bar, que se aproxima, esperando o pedido:

MORADOR IDOSO: Uma “Havana”, de Salinas, “seu” Melo.

O comerciante apanha a garrafa da cachaça famosa e serve ao morador que, de uma só talagada, desce toda a bebida pela gúela. E opina:

MORADOR IDOSO: É a melhor “branquinha” do mundo!

Pedro aproveita a “deixa” e sugere ao morador:

PEDRO REZENDE: Gostaria de bater um papinho com o senhor. Vamos sair um pouco?

MORADOR IDOSO: Vamos sim, moço. Aqui, como o senhor viu, o “papo” é outro...

Pedro pede a conta, paga e sai com o morador, ganhando a praça.

EXTERIOR - PRAÇA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

123. Instalada em carrinho, câmara enquadra Pedro e o morador idoso em P.P. e inicia lento Trav-Atrás, acompanhando a caminhada dos dois pela praça de Couto de Magalhães.

O primeiro a falar é o morador, que comenta:

MORADOR IDOSO: Já conheço o senhor da televisão. É o Pedro Rezende, não é? Veio fazer uma reportagem?

PEDRO REZENDE: Mais ou menos. Estou investigando o desaparecimento das crianças em Mendanha, Guinda e aqui. O senhor pode me dizer alguma coisa sobre isso?

MORADOR IDOSO: Posso sim, “seu” Pedro. E até conheço a pessoa que cometeu esse crime!

PEDRO REZENDE: O senhor conhece?! E mora aqui? Pode me dizer quem é?

MORADOR IDOSO: Não só dizer, mas até mostrar! Venha comigo. É ali perto.

124. P.G. da praça, favorecendo Pedro e o morador idoso que, a certa altura, dobram uma esquina e seguem por uma ruela com poucas e miseráveis casinhas.

EXTERIOR - RUELA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

125. Do alto da grua, câmara focaliza Pedro e o morador idoso, em P.G. caminhando pela ruela da cidade e se aproximando de um casebre miserável, perto de um muro de pedra e uma grande árvore.

125. Do alto da grua, câmara focaliza Pedro e o morador idoso, em P.G. caminhando pela ruela da cidade e se aproximando de um casebre miserável, perto de um muro de pedra e uma grande árvore.

126. O braço da grua começa a descer, avançando em “travelling” até fixar Pedro e o morador chegando ao barraco, diante do qual está sentado numa banqueta um homem de cor, quase em andrajos, a expressão completamente idiotizada, olhando assustado para os recém-chegados.

Câmera, que enquadrava Pedro e o morador em P.A.L., continua o “travelling” até fixar o mendigo em P.P.

Durante o movimento de aproximação, o morador idoso estará dizendo, maliciosamente, ao mendigo

MORADOR IDOSO: Ôi, sô Tião, como está passando?

O mendigo fixa nos recém-chegados um olhar indiferente, quase hostil, e nada responde. Mas o morador insiste, desta vez provocativamente:

MORADOR IDOSO: Tem notícia do Zezinho, sô Tião?...

127. P.M. do casebre e dos três: Pedro, o morador idoso e o mendigo.

O que acontece, após a pergunta do morador, é algo de surpreendente e inesperado: o mendigo levanta-se da banqueta e começa a gritar palavras furiosas, misturadas com expressões de candomblé.

MENDIGO TIÃO: Uh! Ô! Ô! Sai, capeta, despacho de Êxu! Sai, Êrê fodido! Vem me estropiar, beberrão, bandido velho! Fora belzebu, fora, pé de Lôko!

A súbita e furiosa reação do mendigo assusta Pedro Rezende que, pegando o morador pelo braço, afasta-o do lugar, ouvindo o mendigo, cada vez mais colérico, xingar aos berros, ameaçando agredir o provocador:

MENDIGO TIÃO: Tô quieto aqui, vem me pregoar, Exu fodido! Vai, senão te mato, véio estropiado! Fio de uma égua! Canaião!

De repente o mendigo se abaixa apanha uma pedra que atira com força contra o morador imprudente, quase atingindo-o na cabeça.

Pedro arrasta o velho pela ruela, enquanto o mendigo dá alguns passos trôpegos na direção dos dois, apanha outra pedra e a lança contra os importunos, atingindo, desta vez, as costas do morador que solta um grito e comeceça a correr na direção da praça, dando sonoras gargalhadas, que vão misturar-se aos gritos patéticos do mendigo:

MENDIGO TIÃO: Vai, cachorrão, fio de cadela, vai pra puta que te pariu, bandido arrenegado!

128. Quase correndo, Pedro Rezende e o velho desaparecem na esquina com a praça de Couto de Magalhães.

Câmera faz Pan-E-D e vai enquadrar o mendigo em P.A. Cansado, quase sem fôlego, Tião dá uma cusparada e volta a sentar-se na banquetela, soltando grunhidos estranhos e gesticulando furiosamente.

EXTERIOR - PRAÇA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

129. Na praça, enquadrados em P.M., Pedro e o morador idoso vão sentar-se num banco de cimento.

Câmera, acionando a lente Zoom, vai fixá-los em P.P., registrando o que dialogam:

MORADOR IDOSO: Ficou uma fera, hein, “seu” Pedro? Ficou doido, o babalaô!

PEDRO REZENDE: Ficou bravo mesmo foi quando o senhor falou no menino. Por quê, “seu” Geremias?

MORADOR IDOSO: Porque todo mundo aqui acha que ele pegou, abusou e depois matou o Zezinho, enterrando o corpo no mato.

PEDRO REZENDE: É uma acusação terrível, “seu” Geremias! Vocês têm provas disso? Se têm, por quê ele não foi preso?

MORADOR IDOSO: O Tião fica correndo atrás dos alunos do Grupo. A garotada corre dele, dá risadas, fica gritando “sai tarado, sai tarado”! O Tião joga pedra e berra “eu te mato, eu te mato”!

PEDRO REZENDE: Isto não é prova, “seu” Geremias, é coisa de maluco. Deviam internar o coitado, não acha?

MORADOR IDOSO: Já foi internado várias vezes. Mas ele foge, volta praquele muquifo imundo que o senhor viu!

PEDRO REZENDE: Sinceramente, vou confessar para o senhor: aquele infeliz não tem nada a ver com o desaparecimento da criança. A coisa é muito mais séria do que o senhor pensa!

Pedro levanta-se, aborrecido, fazendo menção de partir. E se despede:

PEDRO REZENDE: Bem, “seu” Geremias, preciso voltar a Datas.

MORADOR IDOSO: Está morando em Datas?

PEDRO REZENDE: Não. Moro em Belo Horizonte e vim visitar meus pais. Até logo, “seu” Geremias.

Dá dois passos, volta-se para o velho e acrescenta:

PEDRO REZENDE: Posso lhe pedir um favor?

MORADOR IDOSO: Até dois!

PEDRO REZENDE: Deixe o coitado do Tião em paz. Ele não fez nada com o menino. Pode acreditar! É um infeliz, digno de piedade!

E se afasta na direção do carro estacionado perto do botequim.

130. Câmera, instalada no alto da torre da igreja-matriz, focaliza em G.P.G. a praça de Couto de Magalhães que Pedro Rezende atravessa com passadas largas.

Também se vê, cruzando a praça, um grupo ruidoso de colegiais, dando gritos e risadas.

SOM - Gritos e risadas de colegiais, misturando-se depois com batidas de sinos da igreja-matriz.

ESCURECIMENTO

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

130 A. Zé Raimundo e Marialva dormem na noite silenciosa de Datas. Têm um sono agitado, pois se mexem na cama, um de cada lado, Marialva murmurando palavras nervosas e inteligíveis, Zé Raimundo movendo apenas os lábios.

Câmera avança, em lento "travelling", e vai enquadrar Marialva em P.P.P., iniciando a visualização do pesadelo que lhe povoa o inconsciente angustiado. Utilizando efeitos especiais de som e imagem, o som através da introdução de música estranha e distorcida, sugerindo harmonização onírica, a imagem revestida de efeitos de desfoque e cores esmaecidas, reproduz-se na tela o aflito pesadelo de Marialva:

1) - Avista-se um cômodo grande, sem portas e janelas, no centro do qual se encontra uma grande mesa metálica, como as usadas em centro cirúrgico, recoberta por um lençol branco. Sobre a mesa Glorinha está estendida, imóvel e despida, os olhos abertos, fixados no teto. Subitamente, os olhos da menina se voltam diretamente para a objetiva da câmera, enquanto ela suplica, com voz débil:

GLORINHA (voz distorcida, quase inaudível):
Mamãe... Mamãe...

2) - A seqüência onírica termina com a aparição da sombra de um homem, alto e magro, chegando do fundo do cômodo e se aproximando lentamente de Glorinha, os braços estendidos, como se fosse apossar-se de seu corpo.

Neste exato instante, Marialva, dormindo, solta um grito desesperado, chamando:

MARIALVA: Glorinha... Glorinha!...

A seqüência onírica SE conclui quando a câmera, de volta ao quarto de dormir do casal, recua em "travelling", a partir do P.P.P. de Marialva, abre o quadro e focaliza a cama, no instante em que Zé Raimundo, muito assustado, acorda e aperta o braço de Marialva, dizendo:

ZÉ RAIMUNDO: Marialva! Marialva, acorda,
você teve um pesadelo...

Marialva ergue um pouco o corpo, recosta a cabeça no travesseiro e, transtornada ainda com o que sonhou, responde ao marido:

MARIALVA: Tive sim, Zé, e foi um pesadelo horrível, que nem quero dizer a você...

Zé Raimundo abraça e beija carinhosamente Marialva, respondendo:

ZÉ RAIMUNDO: Não precisa dizer, Marialva. Sei que foi com a Glorinha. Mas fique tranqüila, meu bem. Ela vai aparecer, Deus é grande! Fique tranqüila, durma, Marialva, durma.

F U S Ã O

INTERIOR - SALA DA DELEGACIA DE DATAS - DIA

131. Câmera focaliza, no gabinete do delegado, doutor Altamiro, o detetive Rubens e o escrivão Marcílio

Outro detetive, o Edmir, chega ao gabinete e se dirige ao delegado:

DETETIVE EDMIR: Doutor Altamiro, o jornalista de Belo Horizonte quer falar com o senhor.

DELEGADO ALTAMIRO: Mande entrar, Edmir.

132. PM. do grupo, no sala da Delegacia. Pedro Rezende entra, cumprimenta de cabeça os funcionários e aperta a mão do delegado, que lhe oferece uma cadeira, dizendo:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos sentar, Pedro. Então, foi a Mendanha?

PEDRO REZENDE: Fui sim. E fui também a Guinda e Couto de Magalhães. Mas, antes de relatar o que vi e ouvi por lá, quero saber notícias de Glorinha. Alguma novidade?

DELEGADO ALTAMIRO: Nenhuma, nenhuma, infelizmente. A Marialva caiu de cama, arrasada. A cidade está abalada, todo mundo querendo ajudar. Mas, me diga, Pedro, apurou alguma coisa?

PEDRO REZENDE: Conversei com muita gente, inclusive parentes das crianças desaparecidas. O que me intrigou muito, doutor Altamiro, é a médica, aquela pediatra, que andou por lá, examinando as crianças, que depois desapareceram.

133. P.A. do escrivão Marcílio, ouvindo com grande interesse o relato de Pedro Rezende. Ouvindo a referência à médica, aproxima-se de Pedro e do delegado e lhes fala com muita convicção:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: É o que lhe disse antes, doutor.

134. Câmera avança, em Trav. e vai enquadrar Marcílio e o delegado em P.P., favorecendo o escrivão, que continua, convictamente:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Tenho certeza de que esta médica tem muito a ver com o sumiço das crianças, inclusive da Glorinha.

135. Câmera abre o quadro e focaliza todo o grupo em P.A.L., favorecendo o delegado, que comenta:

DELEGADO ALTAMIRO: Coincidência, ou não, também começo a achar meio estranho esta médica viajando de um lado para outro. Tem razão, Marcílio. É bom a gente apurar isto. Quando vier a Datas, traga a médica à Delegacia. Quero fazer uma inquirição.

Pedro Rezende se levanta, despedindo-se do delegado com um aperto de mão. E diz:

PEDRO REZENDE: Bem, doutor Altamiro, vou dar um pulo em casa. Depois visito Zé Raimundo e Marialva. Até já.

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA - DIA

136. P.G. da praça da igreja, vendo-se Pedro Rezende que se dirige, apressadamente, à casa dos pais.

Antes de alcançá-la, avista Zé Raimundo, que caminha em direção contrária. E vai ao seu encontro.

137. P.A. de Pedro e Zé Raimundo:

PEDRO REZENDE: Então, Zé, alguma notícia?

Raimundo, transtornado e, ao que tudo indica, um pouco alcoolizado, responde:

ZÉ RAIMUNDO: Nada, nada! A Marialva tem pesadelos, passa horas na igreja, rezando. Agora está em casa. Vou ver como ela está.

PEDRO REZENDE: Depois dou um pulo em sua casa para ver Marialva, Zé.

ZÉ RAIMUNDO: Vai sim, Pedro, você pode dar uma força pra Marialva.

E se afasta, enquanto Pedro, seguido pela câmera em Pan-D-D, retoma caminho e se aproxima da casa comercial, diante da qual encontra o pai conversando com o viajante comercial Valdomiro Linhares, figura popular na cidade.

138. Pedro Rezende aproxima-se do pai e do viajante e forma com eles um pequeno grupo enquadrado em P.A.

PEDRO REZENDE: Olá, Valdomiro, de novo por aqui?

VALDOMIRO: De novo, tentando vender minhas bugigangas pro "seu" Juca.

JUCA REZENDE: Com esta lábia danada, você vende até gaiola e alpiste pra passarinho, coisa que eu detesto.

VALDOMIRO: Gaiola e alpiste não vendo, "seu" Juca, pois também acho que passarinho deve voar, e não ficar preso em gaiola, pulando de um poleiro pra outro.

Nesse ponto, aproxima-se do grupo um morador da cidade, homem pobremente vestido. Sem cumprimentar Pedro e o viajante, dirige-se ao comerciante, um pouco intimidado:

MORADOR HONÓRIO: Bom dia, “seu” Juca. Eu queria fazer um comprinha...

JUCA REZENDE: Pode entrar, Honório. O Severino atende você.

O morador, encabulado, aproxima-se mais do comerciante e balbucia:

MORADOR HONÓRIO: É que...

JUCA REZENDE: Eu sei. Diz ao Severino que pode por na conta.

MORADOR HONÓRIO: Obrigado, “seu” Juca.

Honório, aliviado, entra na loja. Câmera avança em “travelling” até enquadrar Juca Rezende em P.P., quando comenta para o filho e o viajante-comercial:

JUCA REZENDE: É outro garimpeiro desempregado. Tenho uma caderneta cheia de gente que compra fiado. É um problema sério para o comércio. Você sabe, Valdomiro.

Câmera panoramiza para a direita e vai enquadrar o viajante-comercial também em P.P., respondendo:

VALDOMIRO: Sei disso, “seu” Juca. Ninguém tem dinheiro. Todo mundo está devendo a todo mundo!

Voltando a panoramizar para a direita, câmera vai enquadrar Pedro Rezende também em P.P., dando sua opinião:

PEDRO REZENDE: Isto acontece no país inteiro, Valdomiro! A inflação acabou, mas a pobreza, a inadimplência, as falências aumentaram. Acho até graça quando falam em “país emergente”, errando a vogal.

Câmera inicia lento Trav-Atrás, abrindo o quadro e enquadrando todo o grupo em P.A.L., ouvindo Pedro Rezende, que continua:

PEDRO REZENDE (*continuando*): O Brasil não é um país emergente, mas imergente, mergulhado na violência, crise social, desnacionalização da economia, cada vez mais dependente do capital externo.

Depois de pequena pausa, Pedro se volta para Valdomiro e pergunta:

PEDRO REZENDE: Mas, mudando de assunto, Valdomiro, tem viajado muito por aí? Quais são as novidades?

139. P.P. do viajante-comercial, que informa:

VALDOMIRO: Antes de você chegar, estava contando pra seu pai que ontem em Diamantina vi aquela médica, doutora Isolda...

140. P.P. de Pedro Rezende. O jornalista, ouvindo o viajante citar a médica, revela imediato interesse.

Valdomiro, em off, então prossegue:

VALDOMIRO (voz off): ... com um senhor idoso, tipo estrangeiro, falando uma língua complicada.

141. P.P. de Valdomiro, que conclui a informação:

VALDOMIRO: Pareciam muito amigos.

142. P.A. de Pedro, Juca Rezende e Valdomiro. O interesse de Pedro Rezende fica evidente quando se aproxima mais do viajante-comercial para perguntar:

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa, Valdomiro: em que lugar você viu a médica com o estrangeiro?

VALDOMIRO: Diante do Grande Hotel. Embarcaram numa "pick-up" branca, guiada por ela.

Depois de curto intervalo, Valdomiro, meio intrigado, indaga:

VALDOMIRO: Por quê isto te interessa tanto, Pedro?

PEDRO REZENDE: Estou fazendo uma investigação, com objetivo jornalístico, sobre o desaparecimento da Glorinha, filha do Zé Raimundo. Você já sabe?

VALDOMIRO: Sei, e estou muito chateado. Dias atrás desapareceu um menino de Couto Magalhães, filho de um amigo meu. Tem alguma coisa a ver com a médica?

PEDRO REZENDE: Ainda não sei. De qualquer forma, você me deu uma informação importante, Valdomiro. Vou à Delegacia conversar com o doutor Altamiro.
Volta-se para o pai e esclarece:

PEDRO REZENDE: Talvez eu dê um pulo a Diamantina, papai.

JUCA REZENDE: Está bem, meu filho. Se for, vai com Deus.

INTERIOR - GABINETE DO DELEGADO - DIA

143. Em corte direto, câmera focaliza Pedro Rezende que se aproxima do doutor Altamiro, na Delegacia.

Ao lado do delegado estão o escrivão Marcílio e o detetive Rubens, que interrompem a conversa ao avistar o jornalista, que a câmera acompanha em Trav-Avante, até enquadrá-lo em P.P., junto ao delegado:

PEDRO REZENDE: Desculpe a interrupção, doutor Altamiro, mas tive uma informação importante: a médica Isolda foi vista em Diamantina, na companhia de um alemão idoso.

DELEGADO ALTAMIRO: Alemão, em Diamantina? Alemão não gosta de diamante, gosta é de chucrute. Meio esquisito, não é?

PEDRO REZENDE: Só indo lá pra apurar esta história.

144. Em nova angulação, câmera inicia Trav-Atrás, abre o quadro e mostra todo o grupo em P.M.

O delegado volta-se para o detetive Rubens e determina:

DELEGADO ALTAMIRO: Vai com ele, Rubens, e dê todo apoio.

DETETIVE RUBENS: Está bem, doutor. Levo a arma?

DELEGADO ALTAMIRO: É claro! Você anda desarmado, Rubens?! Nesses tempos?!

O detetive, embaraçado, dá uma desculpa meio esfarrapada:

DETETIVE RUBENS: Estava limpando a Bereta, esqueci em casa...

DELEGADO ALTAMIRO: Pois vá buscá-la. Policial sem arma, é como repórter sem máquina fotográfica.

PEDRO REZENDE: Bem lembrado, delegado. Vou em casa buscar a minha...

DELEGADO ALTAMIRO: Arma?!

PEDRO REZENDE (*sorrindo*): Não. Máquina fotográfica. Minha arma são as palavras e as imagens.

DELEGADO ALTAMIRO: Pois faça bom proveito delas.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 9

RESUMO: *A nova seqüência ambienta-se na cidade de Diamantina, para onde viajam o jornalista Pedro Rezende e o detetive Rubens, procurando elucidar o misterioso relacionamento da médica Isolda com um estrangeiro idoso, recém-chegado à velha cidade. Com este objetivo, os dois se dirigem ao Grande Hotel, diante do qual fora avistada a médica com o*

desconhecido. E no hotel verificam, pela ficha de hospedagem, que o estrangeiro se chama Wilhelm Schneider, nascido na Suíça, biólogo, dedicado à inseminação artificial de gado leiteiro. Com relação à medicação, Pedro Rezende e o detetive averigüam que nasceu em Santa Catarina e mora numa casa perto da igreja do Rosário. De fora do hotel, escondido por trás de carros estacionados, Pedro Rezende fotografa Wilhelm e Isolda, e decide enviar a foto e as informações sobre o casal, via-computador, para um amigo, também repórter de televisão, no Rio de Janeiro, pedindo-lhe que investigue na Polícia Federal e Interpol.

EXTERIOR - RUA DO GRANDE HOTEL - DIAMANTINA - DIA

145. Câmera focaliza, em P.G., a rua onde se localiza o Grande Hotel, em Diamantina.

Por ela vem vindo o carro de Pedro Rezende, que ele próprio guia. Ao lado, no banco da frente, encontra-se o detetive Rubens.

O carro vai estacionar alguns metros adiante, um pouco afastado do hotel.

146. O carro de Pedro completa o movimento de estacionar. Câmera, instalada fora do veículo, focaliza em P.P. o jornalista e o policial dentro do veículo. Com os olhos fixos no Grande Hotel, que não se vê no enquadramento, Pedro Rezende pergunta ao detetive:

PEDRO REZENDE: Conhece alguém no hotel, Rubens?

DETETIVE RUBENS: Conheço o gerente, o Miguel, gente boa.

PEDRO REZENDE: Vamos conversar com ele, sem despertar suspeita, senão o homem se fecha, desconfiado.

DETETIVE RUBENS: Fique tranqüilo, "seu" Pedro. Sou macaco velho. Sei lidar com essa gente.

147. Câmera recua, em Trav.-Atrás, abre o quadro, mostrando Pedro, com a máquina fotográfica, e o detetive. Os dois deixam o carro e depois, seguidos pela objetiva em Pan-D-E, entram no Grande Hotel.

INTERIOR - PORTARIA DO GRANDE HOTEL - DIA

148. Do interior do Grande Hotel, vazio, câmera enquadra o balcão da Recepção e, atrás dele, o gerente, Miguel, que o detetive cumprimenta amigavelmente:

DETETIVE RUBENS: Olá, grande Miguel!
Como vai essa bizarria?

GERENTE MIGUEL: Uai, Rubens, está por aqui?

O gerente olha, meio espantado, para Pedro Rezende, reconhecendo-o, enquanto ouve o detetive perguntar:

DETETIVE RUBENS: Conhece aqui o Pedro Rezende?

GERENTE MIGUEL: Quem não conhece?
Não é o famoso repórter da televisão?

Aperta-lhe a mão, dizendo, com um sorriso aberto:

GERENTE MIGUEL: Prazer muito grande!

PEDRO REZENDE: O prazer é meu.

Evaristo volta-se para o detetive, e pergunta:

GERENTE MIGUEL: O que você manda, Rubens?

149. P.P. de Rubens e do gerente:

DETETIVE RUBENS: É assunto confidencial, Miguel. Queremos saber se estão hospedados aqui um estrangeiro, parece que alemão, e uma médica, doutora Isolda.

GERENTE MIGUEL: Um alemão, aliás, um suíço, se hospedou ontem no hotel. Espere aí, vou ver a ficha.

Câmera abre o quadro, em Trav-Atrás, até enquadrar Pedro, Rubens e o gerente em P.A.

Miguel retira de uma gaveta algumas fichas e procura até encontrar a do novo hóspede:

GERENTE MIGUEL: Está aqui.

PEDRO REZENDE: Posso ver, um instante?

GERENTE MIGUEL: Rapidamente, por favor, pois não é permitido.

Pedro apanha a ficha e, rapidamente, copia alguns dados em um pequeno caderno, que retira do bolso: Nome: Wilhelm Schneider; Nacionalidade: Suíço; Data do Nascimento: 16.08.1916; Profissão: Biólogo; Residência: São Paulo.

Devolve a ficha e pergunta ao gerente:

PEDRO REZENDE: E a médica, doutora Isolda?

GERENTE MIGUEL: Não está hospedada aqui. Parece que mora numa casa pros lados da Igreja do Rosário, na Gameleira, e tem uma fazenda de gado, mas não sei onde. Viaja muito.

DETETIVE RUBENS: Outra coisa, Miguel: quando o gringo chegou a Diamantina?

GERENTE EVARISTO: Chegou ontem, de avião.

Pedro Rezende então pergunta, surpreendido:

PEDRO REZENDE: De avião?!

GERENTE MIGUEL: Sim, um Cessna, guiado pela médica. O avião é dele mesmo.

PEDRO REZENDE: Sabe o que ele está fazendo em Diamantina?

GERENTE EVARISTO: Parece que é homem rico, faz inseminação artificial em gado leiteiro, utilizando sêmen de touro de raça. Ganha muito dinheiro e tem clientes em São Paulo, Uberaba e por aqui mesmo.

PEDRO REZENDE: E como ele é, pessoalmente?

GERENTE EVARISTO: Nada simpático!
É meio esquisitão, não fala com ninguém,
não deixa nem a camareira entrar no quarto!

Neste ponto o gerente, preocupado, consulta o relógio e adverte:

GERENTE MIGUEL: Olhem, daqui a pouco
chega "seu" Gonçalves, dono do hotel...

DETETIVE RUBENS: Estamos indo, Miguel.
Você foi muito legal. Muito obrigado por tudo.
Um abraço!

Antes que se retirem, o gerente recomenda:

GERENTE MIGUEL: Não diga pra ninguém
que vocês estiveram aqui, Rubens. "Seu" Gon-
çalves não vai gostar.

DETETIVE RUBENS: Pode ficar tranqüilo,
Miguel. Desta boca não entra mosca. Tchau!

EXTERIOR - RUA DO GRANDE HOTEL - DIA

150. Pedro e o detetive deixam o hotel, mas permanecem em suas imediações, meio escondidos entre os carros estacionados. E lá, enquadrados em P.P., traçam planos:

PEDRO REZENDE: Vamos esperar por aqui,
Rubens. Quero fotografar o alemão e a médica
assim que chegarem ao hotel.

DETETIVE RUBENS: Estou vendo que você
tem tino de detetive. Aliás, tino e paciência.

PEDRO REZENDE: É tarimba de repórter.
Na imprensa só os "focas" são impacientes.

151. Em novo enquadramento, câmera focaliza em P.G., a rua onde se localiza o Grande Hotel. Por ela vêm vindo, a pé, o alemão Wilhelm e a médica Isolda.

O primeiro a avistá-los é o detetive Rubens, que chama discretamente a atenção do jornalista:

DETETIVE RUBENS: Lá vêm os dois, "seu" Pedro! E a pé.

Pedro prepara depressa a câmera e vai se posicionar por trás de um carro. Assesta a teleobjetiva e, quando avista os dois em boas condições de enquadramento, deflagra a câmera e faz várias fotos do casal, subindo a rua.

Wilhelm e a médica passam e depois se afastam, saindo de quadro, enquanto Pedro e o detetive, discretamente, descem a rua.

152. Seguidos pela câmera em Trav-Atrás, Pedro e o detetive são enquadrados em P.P., conversando enquanto caminham:

PEDRO REZENDE: Quero revelar esta foto ainda hoje. Conheço o Malu, que tem um estúdio fotográfico. Vamos até lá.

DETETIVE RUBENS: Depois de revelar a foto, o que pretende fazer?

PEDRO REZENDE: Vou à sala de computadores do Forum, escaneio e mando a foto e a ficha do hotel para um colega de televisão, no Rio, pedindo para investigar na Interpol e na Polícia Federal. Quero saber que gente é esta!

F U S ã O

SEQÜÊNCIA 10

RESUMO: Pedro Rezende, acompanhado pelo detetive Rubens, chega ao Forum de Diamantina e lá, autorizado por um funcionário, telefona a um colega e amigo do Rio de Janeiro, remetendo-lhe, via-computador, foto e pedido de informações, junto à Polícia Federal e Interpol de Paris, sobre Wilhelm Schneider e a médica Isolda. Procuram depois a casa da médica, pjróxima à igreja do Rosário, e vendo que sua proprietária saíra, penetra e vasculha a casa, fotografando, em um dos cômodos, vários bujões cilíndricos para coleta e conservação de sêmen, além do nome de Glorinha, anotado numa folha de papel, e a escritura de compra e venda de uma fazenda no município de Couto de Magalhães, em nome de Isolda Schiller.

INTERIOR - FORUM DE DIAMANTINA - TARDE

153. Enquadra-se, em PA., Pedro Rezende em uma das salas do Forum de Diamantina, com fotos e informações sobre Wilhelm Schneider e a médica Isolda. Está falando ao telefone com o colega do Rio:

PEDRO REZENDE (*ao telefone*): Roberto, estou remetendo pelo computador fotos e informações sobre um cidadão suíço, que chegou a Diamantina, e sobre uma médica de Santa Catarina. Peço todo seu empenho para obter o que for possível sobre os dois, acionando a Polícia Federal e a Interpol. Pode me fazer este grande favor?

Escuta a resposta do amigo e depois continua:

PEDRO REZENDE: Muito obrigado, Roberto. Sabia que podia contar com você. Amanhã cedo ligo pra saber a resposta. Até logo, Roberto, e muito grato a você!

Desliga e se encaminha para o detetive, que o espera sentado. Câmera, em Trav-Avante, segue-o até focalizar em P.P. jornalista e detetive que se levanta, curioso:

DETETIVE RUBENS: Tudo certo?

PEDRO REZENDE: Tudo. Vamos aproveitar, que ainda está claro, e dar uma espiada na casa da médica, na Gameleira. De acordo?

DETETIVE RUBENS: Perfeitamente. Você manda!

EXTERIOR - FRENTE AO FORUM - DIAMANTINA - DIA

154. Pedro e o detetive deixam o velho sobrado do Forum, tomam o carro, estacionado na praça, e sobem a rua Direita.

SOM - Ruídos ambientais, com predominância para o som de música popular de uma loja de discos.

EXTERIOR - RUAS DIVERSAS DE DIAMANTINA - DIA

155 a 160. Câmera inicia uma série de planos de localização, com “flashes” de curta duração, focalizando o carro de Pedro Rezende, rodando por diversas ruas de Diamantina.

A série termina quando o veículo alcançar as imediações da praça da Igreja do Rosário

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DO ROSÁRIO - DIA

161,162,163. Depois de estacionar o carro na praça da igreja do Rosário, Pedro, com a máquina fotográfica, e o detetive Rubens saem à procura da casa da médica.

A certa altura, enquadrados em P.G., abordam um morador e lhe fazem perguntas sobre a casa de Isolda. O morador aponta para uma rua, que desemboca na praça.

164.. P.P. do morador, apontando a casa:

MORADOR: É naquela rua. A casa fica meio escondida no mato. Olhem, a médica está saindo agora.

165. P.M. de Pedro, Rubens e o morador. Pedro agradece e, para não ser visto, entra depressa, com o detetive, na igreja, seguidos pela câmera em Pan.D-E.

Antes de entrarem, avistam a “pick-up” branca da médica, que chega à praça.

166. Como ponto-de-vista de Pedro e Rubens, câmera focaliza, em P.G., o carro da médica que se mete por uma rua estreita, saindo de quadro.

Ouve-se em off, o comentário do detetive:

DETETIVE RUBENS:(voz off)Tivemos sorte. Agora vamos poder vasculhar a casa com tranquilidade.

167. P.P. de Pedro e Rubens:

PEDRO REZENDE: Todo cuidado é pouco!
Pode ter alguém cuidando da casa.

Rubens aponta para a arma, sob o paletó, e responde:

DETETIVE RUBENS: Este “pau-de-fogo” toma conta da gente! Pode ficar sossegado!

EXTERIOR - CASA DA MÉDICA ISOLDA - DIAMANTINA - DIA

168 a 174. Nova série de planos mostrará o jornalista e o detetive aproximando-se e, após abrirem um portão de ferro, contornando a casa da médica, vazia, sem caseiro ou vigia. Um dos planos focalizará Pedro e Rubens aproximando-se de uma porta, nos fundos da casa. A porta está fechada, mas o detetive, com chave falsa, consegue abrí-la. Pedro recomenda:

PEDRO REZENDE: Fique aqui fora, por favor, Rubens, para o caso de alguém aparecer.

DETETIVE RUBENS: Positivo, deixa comigo!

Pedro bate no ombro do detetive e lhe fala:

PEDRO REZENDE: Não demoro.

Empurra a porta e entra.

INTERIOR -CASA DA MÉDICA ISOLDA - DIA

175. Câmera, instalada em “steadcam”, acompanha Pedro Rezende pelo interior da casa. Inicialmente, examina uma grande sala, parcialmente mobiliada. Depois, por um corredor, observa os quartos. Um deles chama sua atenção, pois nele se encontram diversos bujões cilíndricos, próprios para conservação de sêmen.

Pedro bate várias chapas fotográficas, documentando os bujões e outros instrumentos técnicos, inclusive refletores, espalhados pelo quarto.

Deixa o cômodo, sempre seguido pela câmera móvel, e chega a uma espécie de escritório, com uma pequena estante com livros de medicina e, sob uma janela, uma mesa com várias gavetas. Sobre a mesa encontra, entre outros papéis, uma escritura de compra e venda, que ele examina detidamente, anotando no pequeno caderno algumas indicações: o nome de uma propriedade rural, no município de Couto de Magalhães, denominada “*Fazenda da Ressurreição*”, com trezentos hectares, adquirida de Elpídio Fagundes pela médica Isolda Schiller, brasileira, viúva, nascida no estado de

Santa Catarina. Antes de sair, avista, em um canto da mesa, uma folha de papel com vários nomes, inclusive o de Glorinha, que ele fotografa.

Quando faz menção de abrir uma das gavetas, chega apressadamente ao cômodo o detetive Rubens, dizendo, afobado:

DETETIVE RUBENS: Vamos sair daqui!
A médica está chegando de carro!

Pedro e o detetive deixam rapidamente a casa e fecham a porta de entrada.

EXTERIOR - FUNDOS DA CASA DE ISOLDA - DIA

176. P.M. de Pedro e Rubens chegando à parte externa da casa e ganhando os fundos da propriedade.

SOM - Ruído off de carro que se aproxima.

177. Câmera focaliza Pedro e Rubens em P.A., aproximando-se de um portão, nos fundos da propriedade, fechado com uma trâmela, que eles abrem e ganham uma trilha no meio de

EXTERIOR - CAMINHO DE TERRA E PRAÇA DA IGREJA - DIA

178. Pedro e Rubens, deixando a casa, caminham por uma trilha de terra que, mais adiante, desemboca na praça da Igreja do Rosário. E conversam, enquadrados em P.A., seguidos pela câmera em Trav.-Atrás:

PEDRO REZENDE: Vi o nome da Glorinha em uma folha. Uma prova muito séria do envolvimento da médica, Rubens! Acho que amanhã vamos ter muitas novidades! Agora é só esperar. Depois do jantar, vamos descansar no hotel.

DETETIVE RUBENS: No Grande Hotel?

PEDRO REZENDE: Não. Vamos pro Hotel do Tijuco. O alemão pode desconfiar de alguma coisa.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 11

RESUMO: *No dia seguinte, pela manhã, Pedro e o detetive Rubens vão ao Forum de Diamantina, onde encontram, remetido via-fax, impressionantes informações sobre Wilhelm e Isolda, esclarecendo que o nome Wilhelm Schneider é falso, pois, na verdade, ele se chama Konrad Otto Spiegel, nascido na Alemanha, ex-militante do partido nazista e, durante a guerra, colaborador de experiências com transplante de órgãos humanos feitas em prisioneiros judeus. A médica, cujo verdadeiro nome é Isolda Heinrich, fora expulsa do Conselho Regional de Medicina de Santa Catarina e impedida de clinicar em todo país. Assombrado com as informações recebidas do Rio, Pedro procura um cirurgião, na Santa Casa de Diamantina, e lhe pede esclarecimentos sobre transplantes, deixando o carro com o detetive Rubens para seguir em Diamantina os passos do nazista e sua companheira.*

INTERIOR - FORUM DE DIAMANTINA - MANHÃ

179. Pedro Rezende e o detetive Rubens chegam à sala de computadores do Forum de Diamantina. Fixados em P.A.L., encaminham-se para um funcionário, que Pedro cumprimenta com um aperto de mão, dizendo:

PEDRO REZENDE: Bom dia, “seu” Rogério.

FUNCIONÁRIO ROGÉRIO: Bom dia.

O funcionário deixa a mesa e vai apanhar, sobre um móvel ao lado do computador, várias folhas recebidas via-fax, dizendo:

FUNCIONÁRIO ROGÉRIO: Chegou do Rio de Janeiro este material para o senhor. Podem examinar tranquilamente ali na sala de reuniões.

Câmera, em “travelling”, acompanha Pedro e Rubens a uma sala ao lado, onde examina, com o detetive, a documentação recebida do Rio. Para ganhar tempo, Pedro vai lendo para o detetive:

PEDRO REZENDE: “Meu caro Pedro. Remeto o material recebido da Polícia Federal e da Interpol. São informações incríveis! A primeira: Wilhelm Schneider é nome falso! A Interpol identificou a foto, que você me mandou, como

sendo de Konrad Otto Spiegel, nascido em Stuttgart, na Alemanha. O alemão tinha certo renome na Europa como biólogo”.

180. Câmera muda a angulação e enquadra Pedro Rezende e o detetive Rubens em P.A.

Fortemente surpreendido com a revelação, Pedro faz um curto comentário para Rubens:

PEDRO REZENDE: Suiço coisa nenhuma! O tratante é alemão mesmo!

E continua a ler, cada vez mais surpreendido:

PEDRO REZENDE: “A Interpol também informou que Konrad Otto Spiegel foi, na juventude, militante do Partido Nazista, colaborador do cientista Franz Brandauer, chefe do Setor de Pesquisas Biológicas da Universidade de Stuttgart, onde, na Segunda Grande Guerra foram realizadas experiências pioneiras de transplantes de órgãos em animais e depois em prisioneiros judeus”.

Neste ponto a surpresa de Pedro transforma-se em assombro, a ponto de levá-lo a exclamar:

PEDRO REZENDE: Deus do céu! Nazista fazendo judeus de cobaias!

181. Câmera, em nova angulação, enquadra Pedro e Rubens em P.A. Depois, instalada em “travelling” circular, coloca Pedro ligeiramente de perfil, à esquerda, com o detetive favorecido, de frente. O detetive então opina, espantado:

DETETIVE RUBENS: E por quê não foi preso e julgado até hoje?!

Pedro, que continuava a ler o material da Interpol, responde ao detetive, enquanto a câmera reinicia o Trav.-Circular para, em contra-campo, enquadrar o detetive, de perfil, à direita, e Pedro de frente, respondendo:

PEDRO REZENDE: Aqui está a resposta à sua pergunta (lendo): “O Comitê Internacional de

Nazistas Foragidos” localizou, após o fim da guerra, Konrad Otto Spiegel na Bolívia, perdendo, contudo, seu paradeiro, supondo-se que esteja, com identidade falsa, no Paraguai ou na Argentina”.

182.. P.P.P. de Pedro Rezende, cada vez mais espantado, e que comenta para o detetive:

PEDRO REZENDE: O nazista, com nome falso, não está nem no Paraguai, nem na Argentina, Rubens! Está aqui mesmo, em Diamantina, e muito perto de nós!

183. P.P.P. do detetive, que exclama, com voz enérgica:

DETETIVE RUBENS: Vou prender este bandido!

184. P.A. dos dois, ambos com o semblante marcado pela perplexidade. Pedro, mais cauteloso, desaconselha:

PEDRO REZENDE: Ainda não, Rubens! Precisamos descobrir mais coisas sobre este criminoso de guerra!

Continua a examinar o material recebido. E acrescenta:

PEDRO REZENDE: E tem mais. O “paper” também informa sobre a médica. Ouça lá (lendo): “Com relação à médica Isolda Schiller, a Polícia Federal informou que seu verdadeiro nome é Isolda Heinrich, nascida em Santa Catarina, expulsa do Conselho Regional de Medicina por prática ilegal de aborto e imperícia médica, impedida de clinicar em todo o território nacional”.

Câmera avança em “travelling” e vai enquadrar o detetive em P.P., quando comenta, irritado:

DETETIVE RUBENS: Veja só, Pedro! Boa dupla de pilantras pra jogar numa cela superlotada do Carandiru!

185. P.P. de Pedro Rezende, tenso, preocupado, dizendo:

PEDRO REZENDE: É preciso calma, Rubens, muita calma! O caso é muito mais sério do que se pensa!

Depois acrescenta, guardando a documentação recebida do Rio:

PEDRO REZENDE: Vamos dividir tarefas, Rubens. Você, por favor, volte à casa da Gameleira e vigie o nazista e a médica. Fique com meu carro, e não os perca de vista! Combinado?

DETETIVE RUBENS: Combinado. E você, o que vai fazer?

186. P.A.L. da sala e de Pedro e Rubens que se levantam das cadeiras. Pedro guarda no bolso o material do Rio e esclarece ao detetive:

PEDRO REZENDE: Vou conversar com um médico cirurgião, na Santa Casa, amigo de meu pai. Quero ver se me explica alguma coisa sobre transplante. Esta é a chave do mistério, Rubens!

Encaminha-se para a porta de saída. Antes de sair, combina com o detetive:

PEDRO REZENDE: Quem chegar primeiro, espera o outro no hotel. Vamos trabalhar, Rubens. Estamos com uma batata quentíssima na mão!

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 12

RESUMO: *Com uma incômoda suspeita atormentando-lhe o espírito, Pedro Rezende vai à Santa Casa de Diamantina e pede explicações técnicas a um cirurgião, amigo de seu pai. E os esclarecimentos detalhados e competentes do médico criam nele uma aflitiva suspeita dos perigos que rondam a filha de Zé Raimundo e Marialva. Enquanto Pedro se informa na Santa Casa, o detetive Rubens acompanha, em prudente distância, os deslocamentos do alemão e da médica pelas ruas de Diamantina e depois*

no Aeroporto da cidade, onde observa o casal recomendando a um mecânico preparar rapidamente o avião para viagem. Com as suspeitas transformadas em convicção, Pedro e o detetive retornam rapidamente a Datas, onde informam ao delegado Altamiro o resultado de suas pesquisas em Diamantina, fazendo-lhe patético apelo para a formação de um destacamento policial e a ida imediata à "Fazenda da Ressurreição", onde seria encontrada a chave do mistério.

INTERIOR - CONSULTÓRIO NA SANTA CASA - TARDE

187. Câmera enquadra, em P.A., Pedro Rezende e cirurgião Evaristo Machado conversando num dos consultórios médicos da Santa Casa de Medicina: o médico atrás de sua mesa de trabalho, Pedro, sentado, diante dele.

Doutor Evaristo usa óculos e aparenta ter uns 65 anos de idade. É alto, corpulento, a cabeleira basta, inteiramente branca, o olhar austero, mas revelando compreensão e paciência.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até fixar os dois em P.P., ouvindo-se o médico que diz, amistosamente:

DOUTOR EVARISTO: Mês passado seu pai veio consultar. Ele me procurou e o levei a um clínico, muito competente e meu amigo, que o examinou detidamente. Depois fez um "check-up" que revelou gozar de excelente saúde. E como vai ele? E dona Efigênia?

PEDRO REZENDE: Vai bem, doutor Evaristo. Mamãe também, apesar de se queixar das enxaquecas.

DOUTOR EVARISTO: É da idade. E você? Não veio se consultar, pois mora em Belo Horizonte, um dos melhores centros médicos do país. A que devo o prazer de sua visita?

188. Campo: o médico, 3/4 de perfil, à esquerda, com Pedro de frente, ligeiramente à direita.

PEDRO REZENDE: É assunto profissional, doutor Evaristo. Uma investigação que estou fazendo. Ficaria muito agradecido se o senhor pudesse me esclarecer alguns detalhes técnicos sobre transplantes de órgãos humanos.

189. Contra-campo: Pedro à direita, de perfil, com o médico de frente, um pouco à esquerda.

O médico começa a explicar, pausamente, com firmeza técnica:

DOUTOR EVARISTO: Pois vamos lá. Transplante, como você sabe, é o processo pelo qual um órgão, parte dele, ou tecido, é removido de um ser vivo, ou morto, e implantado em um segundo ser vivo.

PEDRO REZENDE: A rejeição, doutor Evaristo, é mesmo o problema mais importante de um transplante?

DOUTOR EVARISTO: Tudo no transplante é importante, meu caro. E a rejeição é importantíssima, considerando-se o grau de disparidade genética entre doador e receptor.

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DO ROSÁRIO - DIA

190. Com o carro estacionado em lugar discreto, na praça da Igreja do Rosário, na Gameleira, o detetive Rubens espiona a casa da doutora Isolda, vista parcialmente no enquadramento em P.G.

Instantes depois Rubens avista o alemão e a médica que deixam a casa e embarcam na "pick-up".

Rubens disfarça-se, fingindo ler um jornal, mas, com o "rabo do olho", acompanha o carro que passa perto do local onde estacionara o carro e desaparece numa rua próxima.

SOM - Bater forte de sino da igreja e ruído de carro que se aproxima e afasta.

191. P.M. do carro e do detetive, que, apressadamente, liga o motor e segue na mesma direção do veículo guiado pela médica.

SOM - Sino e motor de carro partindo.

EXTERIORES - RUAS DE DIAMANTINA - DIA

192 a 200. Uma pequena série de planos descreve, em diferentes enquadramentos, a perseguição da "pick-up" da médica pelo carro guiado pelo detetive Rubens. Serão "tomadas" em "plongée", "contre-plongée",

primeiros-planos do alemão e Isolda, no interior da “pick-up”, sem diálogo, e, em montagem paralela, de Rubens, conduzindo o carro de Pedro Rezende, além de detalhes de rodas sobre o calçamento de pedras irregulares, características de Diamantina, bem como, finalmente, dos dois veículos transitando pelas ruas tortuosas da cidade.

SOM - Ruídos ambientais, sinos de igrejas e, principalmente, ruído de rodas e do motor dos dois veículos.

INTERIOR - CONSULTÓRIO NA SANTA CASA - DIA

201. De volta ao consultório do médico cirurgião, doutor Evaristo Machado, no interior da Santa Casa, câmera focaliza Pedro e o médico em P.A., ambos enquadrados de perfil.

Doutor Evaristo continuar a falar sobre transplantes, enquanto Pedro o escuta com grande atenção:

DOUTOR EVARISTO: Um tecido, ou órgão transplantado consome rapidamente suas reservas celulares e desenvolve um processo degenerativo que, depois de certo tempo de duração, é irreversível.

202. P.P. do médico, prossequindo a explanação:

DOUTOR EVARISTO: Os dois métodos gerais para a preservação de tecidos e órgãos são baseados na inibição metabólica e na manutenção metabólica. A inibição metabólica...

203. P.P. de Pedro Rezende, ouvindo atentamente a explicação do médico, que prossegue, em voz off:

DOUTOR EVARISTO (voz off): ... é feita por meio da hipotermia que, como você sabe, é o resfriamento do corpo, ou dos órgãos do corpo, e pelo emprego de agentes farmatológicos...

204. P.P.P. do médico, que continua, sem interrupção, a explicação científica:

DOUTOR EVARISTO: ... substâncias

das crioprotetoras, ou crioofiláticas, como glicerina e DMSO, que é o sulfóxido de dimetila.

SOM - Na trilha sonora ouve-se a sirene de uma ambulância e choro de criança.

EXTERIOR - ESTRADA ASFALTADA E AEROPORTO DE DIAMANTINA - DIA

205. Focaliza-se, em G.P.G., a estrada asfaltada que liga Diamantina ao Aeroporto. Por ela estão vindo a "pick-up" da médica Isaolda e, mais atrás, em cautelosa distância, o carro conduzido pelo detetive Rubens

Os veículos passam e, seguidos pela câmera, em Panorâmica Direita-Esquerda, aproximam-se do Aeroporto de Diamantina.

SOM - Ruído dos carros e, mais forte, do motor de um avião sendo testado.

206. P.M. do carro do detetive, parando em um trecho meio escondido da estrada, próximo ao portão de entrada do Aeroporto.

Rubens deixa o carro e caminha pela estrada, aproximando-se do Aeroporto. Evitando ser visto, oculta-se atrás de tambores de gasolina de onde espiona o alemão e a médica, em off.

SOM - Ruído forte do motor de avião em teste.

EXTERIOR - AEROPORTO DE DIAMANTINA - DIA

207. Ponto-de-vista do detetive Rubens: câmera enquadra, em P.G., o alemão e a médica que se aproximam de um avião bimotor Cessna e de um mecânico, fazendo revisão no aparelho diante de um hangar.

A médica diz qualquer coisa ao mecânico, que veste um macacão sujo de óleo, e, para ouvi-la, desliga o motor.

SOM - Motor sendo desligado. No silêncio que se faz, ouve-se, ao longe, o curto diálogo da médica com o mecânico, ao lado do avião.

DOUTORA ISOLDA: Tudo bem com o motor, “seu” Agnaldo?

MECÂNICO: Cem por cento, doutora!

DOUTORA ISOLDA: Já abasteceu?

MECÂNICO: Vou abastecer agora.

Depois pergunta:

MECÂNICO: Viaja ainda hoje, doutora?

DOUTORA ISOLDA: Talvez ainda hoje. Até logo, “seu” Agnaldo. E bom trabalho.

MECÂNICO: Daqui a pouco o Cessna vai estar tinindo! Até logo, doutora.

A médica e o alemão se afastam, na direção da “pick-up”.

208. P.M. e depois P.G. por Pan-E-D.

O detetive, percebendo que a médica e o alemão vão deixar o Aeroporto, encaminha-se rapidamente para o carro. Entra, liga o motor e sai em boa velocidade pela estrada, voltando a Diamantina.

SOM - Carro arrancando na estrada.

INTERIOR - CONSULTÓRIO NA SANTA CASA - DIA

209. P.A. de Rezende e do médico Evaristo, no interior da Santa Casa de Diamantina. O jornalista faz nova pergunta:

PEDRO REZENDE: E com relação ao tempo de conservação de um órgão transplantado, o que o senhor pode informar, doutor Evaristo?

DOUTOR EVARISTO: Pode ser de três tipos: de curto-prazo, um dia; de médio-prazo, colocando o tecido, ou órgão, em um líquido chamado “meio de cultura”, para cultivar células, e, finalmente, de longo-prazo, com a utilização

de congelamento profundo, como nitrogênio líquido.

210. P.P. de Pedro Rezende, que volta a indagar:

PEDRO REZENDE: Em tempo físico, doutor Evaristo, quanto isto significa?

211. P.P. do médico, que esclarece:

DOUTOR EVARISTO: Vou lhe dar um exemplo: Os rins removidos dentro de uma hora após morte cardiovascular, com adequados métodos de hipotermia e perfusão, podem ser mantidos com sucesso na reimplantação até 50 horas depois.

212. Campo: o médico à esquerda do quadro, em $\frac{3}{4}$ de perfil, com Pedro de frente, à direita.

O jornalista ouve com indisfarçável interesse as explicações do médico da Santa Casa, que prossegue:

DOUTOR EVARISTO: Além dos rins, o fígado, pâncreas, pulmão e, principalmente, coração, exigem cuidados excepcionais para transplante, conservação e transporte.

PEDRO REZENDE: O senhor poderia dizer, doutor Evaristo, se órgãos e tecidos, transplantados em perfeitas condições, poderiam ser transportados, por exemplo, de Diamantina a São Paulo e até mesmo aos Estados Unidos e Europa, em perfeitas condições?

213. Contra-campo: doutor Evaristo, de frente, à esquerda, e Pedro Rezende em $\frac{3}{4}$, de perfil.

A resposta do médico de Diamantina é imediata e segura:

DOUTOR EVARISTO: Isto é possível sim, caro repórter. Dependendo da técnica empregada em sua preservação, podem chegar a países distantes, se forem transportados, é claro, por avião.

214. P.P. de Pedro Rezende:

PEDRO REZENDE: Muitíssimo obrigado, doutor Evaristo. O senhor foi extremamente gentil! Me deu uma aula de mestre e amigo.

DOUTOR EVARISTO (*voz off*): Ora, ora, meu caro! Foram explicações simples, sem maior mérito. Mas, me diga...

215. P.P. do médico, que conclui a frase:

DOUTOR EVARISTO: ... caro amigo: por quê o interesse por esse assunto? Alguém de sua família necessita de transplante?

216. P.A. dos dois, enquadrados de perfil. Pedro responde:

PEDRO REZENDE: Não, não, doutor Evaristo! Graças a Deus ninguém de minha família precisa disso. É apenas curiosidade jornalística, ligada a um acontecimento de muita importância, e que terei breve o prazer de relatar ao senhor.

Pedro faz menção de levantar-se para partir, acrescentando:

PEDRO REZENDE: Por enquanto ainda estou no terreno da hipótese, uma hipótese provável, muito séria. Até breve, doutor Evaristo. E, mais uma vez, muito obrigado!

217. P.M. de Pedro e do médico, que também se levanta e acompanha Pedro Rezende até a porta de saída, que abre, dizendo, ao apertar-lhe a mão:

DOUTOR EVARISTO: Um grande abraço em seu pai, e minhas recomendações à dona Efigênia. Até à vista, meu caro.

Pedro sai, enquanto o médico retorna à mesa de trabalho.

EXTERIOR - FRENTE DA SANTA CASA - DIA

218. Focaliza-se a fachada da Santa Casa de Diamantina em P.G. no instante em que Pedro Rezende chega de seu interior.

Ao sair, Pedro avista o detetive Rubens, com o carro estacionado diante do hospital, e que vai ao seu encontro, dizendo, com certa excitação:

DETETIVE RUBENS: Pedro, precisamos voltar depressa a Datas!

219. P.P. de Pedro e o detetive. O jornalista, estranhando a recomendação do detetive, pergunta:

PEDRO REZENDE: O que aconteceu, Rubens?

DETETIVE RUBENS: Segui o alemão e a médica até o Aeroporto. Mandaram abastecer o avião para viajar talvez ainda hoje. Depois pegaram a estrada para Couto de Magalhães.

PEDRO REZENDE: É onde está a fazenda da médica! Tem razão, Rubens, vamos pra Datas o mais depressa possível avisar o delegado!

EXTERIOR - ESTRADA PARA DATAS - DIA

220. Câmera, instalada em dispositivo fixado na frente do carro de Pedro, focaliza, em detalhe, o asfalto sendo engolido pelo veículo em alta velocidade.

SOM - Ruído forte do motor e dos pneus rodando velozmente na estrada

221. Instalada no capô do carro, câmera enquadra, em P.P., Pedro Rezende, ao volante, e, ao lado, o detetive Rubens. Estão calados, mas seu rosto exprime grande tensão.

O carro roda na estrada em alta velocidade.

SOM - Ruído do carro rodando velozmente pela rodovia.

EXTERIOR - DELEGACIA DE DATAS - DIA

222. O carro de Pedro Rezende freia diante da Delegacia de Datas. As portas se abrem e saem o jornalista e o detetive, que entram apressadamente na repartição policial.

SOM - Carro freando e ruídos ambientais, inclusive sino de igreja.

INTERIOR - DELEGACIA DE DATAS - DIA

223. Em corte direto, câmera enquadra, em P.A., Pedro, Rubens e Altamiro, reunidos na Delegacia.

Inesperadamente, entra na sala o escrivão Marcílio. Muito excitado, interrompe a reunião para dizer:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Doutor Altamiro, desculpe a interrupção...

224. O delegado não gosta da intromissão intempestiva do funcionário e exclama:

DELEGADO ALTAMIRO: Ô Marcílio! Você está interrompendo uma reunião muito importante. E sabe que não gosto disto!

225. P.P. do escrivão, constrangido, mas que insiste:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: O senhor me desculpe, delegado. Encontraram o corpo da menina de Guinda, que desapareceu!

226. P.P. do delegado alarmado, levantando-se da cadeira para dizer:

DELEGADO ALTAMIRO: O quê?! Encontraram onde, Marcílio?!

227. P.M. e depois P.P. por Trav-Avante.

Câmera, inicialmente, focaliza todo o grupo em P.M. Depois inicia Trav-Avante até fixar o escrivão em P.P., quando informa, nervosamente:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: A uns cinco quilômetros de Guinda! Um cachorro começou a fuçar um buraco, perto de um matagal, ganindo muito. Um roceiro, que passava, cavou o lugar com uma enxada e encontrou o corpo da menina!

228. P.P. de Pedro Rezende, comentando, muito espantado:

PEDRO REZENDE: É a Valéria, filha de dona Dulce! Que desgraça!

229. P.P. do escrivão, que ainda informa, abalado:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: O mais grave, doutor, é que o corpo estava aberto, sem vários de seus órgãos!

230. P.M. da sala, registrando o assombro que se apossa de todos. Depois de um curto e espantado silêncio, Pedro Rezende exclama:

PEDRO REZENDE: Minha Nossa Senhora! É o que eu temia!

Volta-se para o delegado e pede, com grande aflição:

PEDRO REZENDE: Reúna depressa seus homens, doutor Altamiro! Peça reforço da Polícia Militar! Vamos imediatamente à fazenda da médica, em Couto de Magalhães! Tenho certeza de que Glorinha está naquela fazenda e podem fazer com ela o que fizeram com a menina de Guinda!

Câmera registra o grande tumulto que se forma no gabinete do delegado. Altamiro dá enérgicas ordens:

DELEGADO ALTAMIRO: Reúna os homens e os carros, Marcílio! E você, Rubens, vá à Polícia Militar, peça reforço ao sargento Elias, o maior depressa possível! Vamos, vamos, rápido!

Dirige-se depois a Pedro Rezende, enquanto todos se movimentam:

DELEGADO ALTAMIRO: Vá com seu carro buscar o Zé Raimundo e a Marialva, Pedro! E siga conosco para a fazenda!

SEQÜÊNCIA 13

RESUMO: *O nervoso apelo de Pedro Rezende ao delegado mobiliza um contingente fortemente armado, saindo em vários carros na direção da fazenda no município de Couto de Magalhães. Pedro, Zé Raimundo e Marialva incorporam-se ao grupamento policial. Nos fundos da casa de Marialva o cachorro de Glorinha luta desesperadamente para libertar-se da corda que o prende ao canil. Quando se desembaraça, sai em louca disparada, seguindo o carro de Pedro Rezende e dos policiais, que tomam a estrada levando a Couto de Magalhães e à “Fazenda da Ressurreição”.*

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

231. P.G. da rua e da casa onde moram Zé Raimundo e Marialva.

O carro de Pedro Rezende surge ao fundo e pára diante da casa de seus amigos.

O jornalista desce depressa do veículo e bate palmas à porta de entrada.

232. P.A. da porta que se abre, surgindo Zé Raimundo, meio espantado ao avistar Pedro, que lhe fala excitadamente:

PEDRO REZENDE: Zé, chame depressa a Marialva! Vamos a uma fazenda onde a Glorinha deve estar!

O garimpeiro, atônito, ainda sem entender bem o significado das palavras que ouve, só consegue dizer:

ZÉ RAIMUNDO: A Glorinha?! Onde, na fazenda?!

Nesse instante, Pedro e Zé Raimundo ouvem a voz off de Marialva que, do interior da casa, exclama, quase gritando:

MARIALVA (voz off) Glorinha, minha filha?!
Minha Nossa Senhora, está numa fazenda?!

Logo a seguir, tremendamente emocionada, chorando e rindo ao mesmo tempo, Marialva surge à porta, ouvindo Pedro pedir:

PEDRO REZENDE: Vamos, vamos, depressa Marialva! Venham comigo!

Pedro, Marialva e Zé Raimundo precipitam-se para fora e, antes de embarcarem no carro, ouvem dona Aparecida perguntar, muito assustada:

DONA APARECIDA: Aonde vocês vão?
Alguma coisa com a Glorinha?!

233. Deixando o carro em P.P., à esquerda do quadro, câmera focaliza Pedro, Marialva e Zé Raimundo ao lado do veículo e, ao fundo, a casa com dona Aparecida à janela.

Antes de entrar, voltando-se para a mãe, Marialva responde, apressadamente:

MARIALVA: Ela está numa fazenda, mamãe!
Nós vamos lá!

ZÉ RAIMUNDO: Tudo vai correr bem, dona Aparecida! Fique tranqüila!

SOM: Latidos de cachorro vindos do quintal.

EXTERIOR - QUINTAL DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

334. Câmera focaliza “Bilito”, o cachorro de Glorinha, preso numa árvore, nos fundos do quintal da casa de Zé Raimundo.

O cão está latindo e ganindo furiosamente, tentando livrar-se da corda que o prende. Dá saltos, chorando, desesperado para seguir os pais de Glorinha.

SOM: Latidos e ganidos fortes do cachorro. Em segundo-plano sonoro, ouve-se o ruído do carro arrancando.

De repente, com um salto maior, “Bilico” consegue libertar-se da coleira, sai correndo como doido pelo corredor da casa e chega à rua, seguindo o carro que leva, em alta velocidade, Pedro, Zé Raimundo e Marialva.

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

235. G.P.G. da rua e, ao fundo, o carro conduzido por Pedro Rezende.

O cachorro, em desabalada correria, entra no quadro e vai latindo atrás do automóvel que, num cruzamento, vira à direita e desaparece.

Câmera focaliza sempre o cachorro que, da mesma forma, vira a esquina e sai de quadro pela direita.

EXTERIOR - ESTRADA - COUTO DE MAGALHÃES - DIA

236. De um ponto elevado, câmera focaliza, em P.G., a estrada asfaltada que leva a Couto de Magalhães, enfatizando, no enquadramento, três veículos da Delegacia e da Polícia Militar, rodando em alta velocidade.

Instantes depois, vindo de Datas, entra no quadro o carro de Pedro Rezende, com Zé Raimundo e Marialva, aproximando-se dos veículos à frente.

SOM: Sirene do carro que segue, à frente, com o delegado Altamiro e três policiais.

O carro de Pedro aproxima-se dos outros que, mais adiante, entram numa curva.

Câmera continua a rodar, focalizando a estrada vazia, na qual, pouco depois, surge o cachorro de Glorinha, latindo e correndo alucinadamente atrás dos carros.

SOM: Latidos do cachorro e sirene do carro policial.

237. Instalada em dispositivo fixado na frente de um carro em movimento, próximo ao chão, câmera enquadra o cachorro "Bilito" em P.P., destacando as patas do animal correndo velozmente em perseguição ao carro que leva Marialva e Zé Raimundo.

SOM: Latidos fortes, em primeiro-plano sonoro.

EXTERIOR - ESTRADA DE TERRA - DIA

238. Os carros da polícia e de Pedro Rezende deixam a rodovia asfaltada, perto de Couto de Magalhães, e ganham uma estrada de terra que leva à Fazenda da Ressurreição.

Depois de fixar em P.G. os quatro veículos, deixando a rodovia, câmera os acompanha, em Pan-D-E, rodando, em velocidade reduzida, pela estreita estrada de terra, levantando grossas núvens de poeira.

SOM - Ruído forte da sirene do carro que leva o delegado, e do motor dos veículos que seguem atrás.

239. Instalada em veículo que segue ao lado do carro do delegado, câmera focaliza Altamiro no banco da frente, ao lado do detetive Rubens, que está ao volante.

Voltando-se para Rubens, o delegado determina:

DELEGADO ALTAMIRO: Estamos perto da fazenda, Rubens. Desligue a sirene.

O detetive desliga o dispositivo que aciona a sirene, e o carro avança pela estrada silenciosamente.

EXTERIOR - ESTRADA ASFALTADA - DIA

240. P.G. da estrada asfaltada próxima a Couto de Magalhães. Por ela vem vindo o cachorro "Bilito", língua de fora, correndo desabaladamente.

Depois de segui-lo em panorâmica, câmera mostra o cruzamento da rodovia asfaltada com a estrada de terra, por onde entraram os carros policiais.

EXTERIOR - ESTRADA E PAISAGEM RURAL - DIA

241. Instalada em ponto ligeiramente elevado, câmera focaliza, em G.P.G., a paisagem árida do sertão mineiro, próximo a Couto de Magalhães, mostrando um vale com pouca vegetação e, ao fundo, as montanhas características da região do Alto Jequitinhonha.

Pela estrada de terra, levantando poeira, estão chegando os quatro veículos, agora em velocidade moderada, vendo-se, à esquerda, um pasto onde se espalham bois e vacas da raça holandesa.

SOM - Ruído dos carros chegando e mugidos de gado.

242. P.P. do delegado Altamiro, no interior do carro dirigido pelo detetive Rubens.

Altamiro aponta para uma fazenda, distante, à margem da estrada, e informa:

DELEGADO ALTAMIRO: Olha: lá está a fazenda da médica!

SEQUENCIA 14

RESUMO: Estacionando os carros diante da porteira de entrada da fazenda da médica Isolda, o contingente de Datas avista dois empregados que se aproximam, armados. Vendo, contudo, soldados e policiais também com suas armas, os empregados se rendem e abrem a porteira, informando que estavam na casa-sede a médica, um estrangeiro e uma criança. O contingente imediatamente invade a propriedade e chega ao porão, antiga senzala da fazenda, onde avista Glorinha, estendida sobre uma mesa de operação, tendo ao lado o alemão e a médica, prontos para matá-la e extirpar-lhe os órgãos. Sentindo-se acuado, o alemão tenta apossar-se de uma arma, mas é fuzilado pelas armas dos policiais e militares, tombando morto sobre os bujões que recolheriam os órgãos de Glorinha. Ainda sob o efeito de anestesia, Glorinha é erguido e vai para o colo de Marialva, deslumbrada e feliz, enquanto Isolda, aterrorizada, recebe ordem de regressar a Datas, juntamente com o contingente policial, Marialva diz a Pedro Rezende que a primeira coisa que fará na cidade é cumprir a promessa que fizera, se encontrasse Glorinha viva.

EXTERIOR - FAZENDA DA RESSURREIÇÃO - DIA

243. Como ponto de vista do delegado Altamiro, câmera focaliza, em P.G., uma porteira fechada, o pasto, onde se espalham muitas vacas e bois da raça Holandesa e, ao fundo, erguida em pequena elevação, parcialmente escondida por algumas árvores, o casarão de uma antiga fazenda construída no tempo da escravidão, com larga varanda, portas e muitas janelas fechadas.

Ouve-se, na trilha sonora, a voz off do delegado, completando:

DELEGADO ALTAMIRO (voz off): Tem um nome esquisito, "Fazenda da Ressurreição".

244. P.A. do carro do delegado e de seus ocupantes, no instante em que o escrivão Marcílio explica:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Tem esse nome, delegado, porque a filha de um antigo proprietário, homem muito rico, estava à morte e foi salva por um frade capuchinho, que pôs água benta na testa da menina, fez uma reza, ela sarou e, pouco depois, deixou a cama, alegre, feliz, e foi brincar.

DELEGADO ALTAMIRO: Que coisa, hein, Marcílio! Um frade capuchinho! E onde ele anda?

Marcílio dá uma risada e explica:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Foi no século passado, doutor Altamiro! O frade, o fazendeiro, a menina, todo o mundo está debaixo da terra, há muito tempo!

245. Do interior da fazenda, câmera focaliza, em primeiro-plano, a porteira que separa a propriedade da estrada de acesso, destacando os veículos que se aproximam lentamente, ao fundo.

SOM - Carros chegando e mugidos de bois e vacas, em bg.

246. Invertendo a posição, câmera focaliza, em G.P.G., o vale, o pasto, uma aguada, à direita, algumas árvores e, bem ao fundo, o casarão da fazenda.

Dois empregados estão vindo, com cara de poucos amigos.

247. Em novo enquadramento, focaliza-se parte da estrada de terra e os veículos da caravana policial, aproximando-se da porteira fechada, encimada com a tabuleta, de madeira, com os dizeres "Fazenda da Ressurreição".

Os carros se imobilizam, enquanto os empregados, armados com espingardas, aproximam-se, desconfiados.

248. P.A. do interior do carro do delegado. Este, o detetive Rubens, o escrivão Marcílio e mais dois policiais de Datas, estão calados, observando a fazenda e a aproximação dos empregados.

SOM: Mugidos de bois e vacas.

O delegado, olhando fixamente na direção da fazenda e dos dois homens que estão chegando com as armas apontadas, ordena, com voz imperiosa:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos sair!

249. Em novo enquadramento, câmera, instalada na grua, focaliza, ainda em posição linear, os dois empregados, de perfil, aproximando-se da

porteira, armas apontadas, e, à direita, os policiais da Delegacia de Datas, deixando o veículo.

A grua é acionada e começa lentamente a subir, enquadrando, em P.G., a porteira, o delegado e os policiais parados ao lado do carro e, mais ao fundo, os outros veículos.

Altamiro, dando alguns passos à frente, fala energicamente aos empregados, que ainda lhe apontam as armas:

DELEGADO ALTAMIRO: Baixem estas armas!

Neste instante saem dos outros carros seis soldados fardados da Polícia Militar, trazendo fuzis, escopetas e metralhadoras. Avançam ameaçadoramente na direção da porteira e dos dois empregados. Mais ao fundo, também são vistos Pedro Rezende, Zé Raimundo e Marialva, que também deixam o carro e permanecem atentos ao que se passa mais à frente.

250. P.P. dos dois empregados, muito assustados, olhando para os policiais e militares, ouvindo a voz off do Sargento Elias, que lhes grita:

SARGENTO ELIAS: (voz off): Baixem as armas e...

251. Deixando os dois empregados à direita do quadro, câmera focaliza Altamiro, os detetives e os soldados da Polícia Militar em P.M., destacando o Sargento Elias que completa energicamente a frase:

SARGENTO ELIAS: ... abram a porteira!

Os empregados, muito assustados, obedecem imediatamente, baixam as armas e erguem a tramela da porteira.

252. Câmera detalha, em P.P., a mão de um dos empregados levantando a tramela da porteira.

SOM - Tramela sendo levantada e ruído da porteira que começa a abrir-se com o chiado característico.

253. Em "raccord" de movimento, focaliza-se, em P.A., o empregado que completa o movimento de abrir a porteira que desliza no ferrolho. O delegado volta-se para o Sargento, que chegara do fundo, e pede:

DELEGADO ALTAMIRO: Sargento, por favor, leve para o carro esses homens!

Antes que se afastem, pergunta:

DELEGADO ALTAMIRO: Está na fazenda a doutora Isolda?

UM EMPREGADO: Está sim senhor.

DELEGADO ALTAMIRO: Veio com um velho e uma menina?

UM EMPREGADO: Veio sim senhor.

Sargento Elias se aproxima dos empregados e ordena:

SARGENTO ELIAS: Vamos! Entreguem as armas e venham comigo!

Os empregados obedecem, estendendo ao militar as duas espingardas.

254. Instalada na grua, em seu ponto mais elevado, câmara focaliza em P.G. toda a comitiva, os carros, Pedro, Zé Raimundo e Marialva, mostrando, inclusive, ao fundo, parte da estrada de terra, por onde, latindo, a língua de fora, exausto, o cão "Bilito" que chega, correndo à toda.

SOM - Latidos do cachorro.

Câmera, do alto da grua, focaliza a chegada do animal que passa como flecha pela porteira aberta, e corre em direção à casa-sede.

Ouve-se a voz de Marialva, gritando para o cão:

MARIALVA (voz off): "Bilito", "Bilito", vem aqui!

Mas o cachorro não obedece e corre na direção da casa, sobe a escada que leva à varanda e começa a arranhar, com as patas dianteiras, a porta de entrada fechada.

Certos, pelo faro e a agitação do cão, da presença de Glorinha na casa, o delegado, sargento, militares e policiais, além de Pedro, Marialva e Zé Raimundo, correm em direção à casa-sede.

Depois de registrar, do alto, a invasão da fazenda, câmera, descendo lentamente na grua, volta à posição normal e focaliza o destacamento que se precipita em direção à casa.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA-SEDE DA FAZENDA - DIA

255. Instalada na varanda da casa-sede, câmera registra, em P.M., a invasão da fazenda pelo delegado e todo o destacamento.

No quadro também se vê o cão "Bilico" que continua a arranhar furiosamente a porta fechada, diante da qual Altamiro, detetives e soldados da Polícia Militar chegam correndo.

Parando diante da porta, Altamiro torce a maçaneta, constatando que está fechada à chave. Não hesita e mete violentamente o pé na porta, arrombando-a. E entra, com todo o destacamento, no interior da fazenda.

SOM - Ruído forte da porta sendo arrombada.

INTERIOR - SALÃO DA CASA-SEDE DA FAZENDA - DIA

256. Do interior da fazenda, câmera focaliza em P.M. o delegado e seus acompanhantes entrando numa grande sala, decorada com móveis antigos e retratos pendendo da cimalha.

Chegando ao centro do cômodo, com várias janelas fechadas com cortinas, o delegado fica indeciso sobre qual direção tomar. Mas, naquele instante, avista o cachorro que atravessa correndo o salão e se precipita para uma escadaria, num canto da sala, indicando instintivamente o caminho a seguir.

Todos fazem o mesmo, e descem correndo os degraus da escadaria.

INTERIOR - "HALL" EMBAIXO DA ESCADARIA - DIA

257. Instalada na parte baixa da escadaria, câmera focaliza, de baixo-para-cima, o delegado, detetives e soldados que descem correndo e observam o cachorro que arranha, furiosamente, porta fechada que dá para um pequeno "hall".

E, novamente, Altamiro, com o corpo e o pé, arromba a porta, que se abre estrepitosamente, deixando ver um cômodo intensamente iluminado.

INTERIOR - SENZALA DA FAZENDA - DIA

258. Do interior do novo cômodo, uma antiga senzala de fazenda, com grandes vigas de madeira sustentando o forro, câmera enquadra, em P.M., o

delegado e seus acompanhantes, parados diante da porta arrombada, olhando, atônitos, para o interior do cômodo.

259. Como ponto-de-vista do delegado e de todos, imóveis e estupefatos à porta, câmera focaliza em P.G. o interior do local: um grande cômodo, onde viviam os escravos, pintado de branco, com grandes vigas de madeira, e tendo ao centro uma mesa de metal, fortemente iluminada por refletores usados em centros cirúrgicos.

Ao lado, sobre outra mesa, vêem-se vários tambores cilíndricos, próprios para coleta e preservação de órgãos humanos.

Estendida sobre a mesa cirúrgica, imóvel, inteiramente despida, está Glorinha. Ao lado dela, vestindo trajes de intervenção cirúrgica, parados e atônitos, Konrad Otto Spiegel e a médica Isolda Heinrich olham, estupidificados, para os recém-chegados, enquanto o cachorro corre na direção de Glorinha, dando saltos e tentando lambê-lo o rosto.

260. Em nova angulação, câmera, de um canto da senzala, enquadra, em P.G., grande parte do cômodo, favorecendo o alemão, a médica e, à direita, ainda imobilizados, o delegado, o sargento Elias, soldados, detetives, Pedro Rezende, Zé Raimundo e Marialva, estes meio ocultos pelos policiais.

É quando, subitamente, dominado pelo espanto, o alemão começa a gritar, enfurecido, com seu forte sotaque alemão:

KONRAD OTTO SPIEGEL: Que é isto?! Por favorr, forra, forra daqui! Propriedade particular!

E continua a gritar, possesso, o rosto tomado pela vermelhidão:

KONRAD OTTO SPIEGEL: Vamos, saiam, saiam, forra daqui!

Vendo que os gritos não intimidam ninguém, o alemão se volta para apanhar uma pistola militar, colocada sobre um móvel, ao lado. Antes, porém, que o faça, é crivado de balas disparadas pelas armas do delegado, detetives e soldados, desabando, morto, sobre os tambores.

SOM - Ruído fortíssimo de tiros, ecoando no porão da fazenda.

261. Em nova posição, câmera detalha, em P.P., a queda do biólogo alemão, ensangüentado, tombando sobre os bujões onde seriam recolhidos os órgãos de Glorinha.

Desabando, morto, sobre eles, os recipientes rolam pelo chão, deixando escapar gelo e fumaça emanada de nitrogênio líquido que, aos poucos, se encharcam de sangue.

262. P.A. da médica Isolda, também vestida com traje cirúrgico, recuando, apavorada, recostando-se numa parede, pedindo, apavorada:

MÉDICA ISOLDA: Não me matem, pelo amor de Deus, não me matem!

263. P.G. de grande parte do porão, mostrando o delegado, sargento, detetives e soldados observando, espantados, tudo o que se encontra no local. Os últimos a entrar, Pedro Rezende, Zé Raimundo e Marialva páram assombrados diante da porta.

Ouve-se, então, um grito de Marialva, ecoando com força na senzala:

MARIALVA: Glorinha! Glorinha, minha filha!

Antes que se precipite para o corpo da filha, Pedro Rezende a detém, ao ver o delegado se aproximando do corpo da menina, em meio a um grande silêncio.

264. P.A. e depois P.P., por Trav-Avante, do delegado, que completa o movimento de aproximar-se da mesa para auscultar o corpo de Glorinha.

Altamiro coloca o ouvido no peito de Glorinha, fica escutando por alguns instantes. Câmera, então, avança em "travelling" até focalizá-lo em P.P.

Depois o delegado, demonstrando alívio e alegria, volta-se para Marialva e informa, emocionado:

DELEGADO ALTAMIRO: Ela está viva, Marialva! A menina está viva! Só está anestesiada, graças a Deus!

265. P.G. do porão, como no plano 363.

Marialva, seguida por Zé Raimundo avança, deslumbrada, sorrindo e chorando ao mesmo tempo, chega à mesa, abraça-se ao corpo de Glorinha, e a leva no colo, enquanto "Bilito", dando pulos e ganindo, tenta lambe o rosto da menina, completando o quadro de grande emoção que contagia todos.

Zé Raimundo une-se à mulher, recobre o corpo de Glorinha com uma toalha e beija repetidas vezes o rosto da filha, ouvindo Marialva exclamar:

MARIALVA: Glorinha, Glorinha, filhinha querida!

Perto dela, detetives e soldados examinam o corpo do nazista, enquanto o delegado e Pedro Rezende se aproximam de Isolda, apavorada, recostada na parede, olhando uns e outros.

266. P.A. de Pedro Rezende e do delegado, aproximando-se da médica Isolda, seguidos pela câmera em Pan-D-E. No final do enquadramento, o jornalista e o delegado ficarão ligeiramente à direita, com a médica, de frente, à esquerda, olhando-os em pânico, repetindo:

DOUTORA ISOLDA: Não me mate... Não me mate!...

O delegado, guardando o revólver no coldre, fala, energicamente:

DELEGADO ALTAMIRO: A senhora merecia morrer! Mas eu respeito a lei e no Brasil, infelizmente, não há pena de morte!

Altamiro apanha as algemas e, com elas, prende as mãos da médica, acrescentando:

DELEGADO ALTAMIRO: A senhora está presa! Vai ser julgada e, na certa, condenada a apodrecer numa prisão pela cumplicidade no assassinato de crianças e extração de seus órgãos! A senhora praticou, com este nazista que mandamos para o inferno, um crime hediondo e agora vai pagar por isso!

267. Contra-campo: P.A. da médica, de perfil, à esquerda, e de Pedro Rezende e o delegado de frente, à direita.

Pedro Rezende acerca-se da médica, aponta-lhe o dedo e, com voz colérica, completa, com desprezo:

PEDRO REZENDE: Como foi capaz de raptar, assassinar e profanar o corpo de crianças infelizes, filhas de gente muito pobre, sua única alegria na vida?! Alguém arrancou o coração de seu peito, como a senhora fez com três crianças e ia fazer com esta menina?!

268. P.M. de Marialva, com Glorinha nos braços, e de Zé Raimundo. Ouvindo a referência à filha, também se aproximam da médica.

Marialva, chorando, exaltadíssima, coloca-se diante de Isolda e, por sua vez, fala, colérica:

MARIALVA: Não tem sentimento, não tem piedade, não tem repugnância pelo que fez?! Quanto ganhou pelo crime infame que praticou?!

269. P.P. da médica, lívida, incapaz de encarar a mulher que a acusa, e fala a Marialva com voz humilde, apontando para o corpo do alemão:

MÉDICA ISOLDA: Foi ele, foi o Konrad...

270. P.A da médica, delegado, Pedro Rezende, Marialva e Zé Raimundo. Com indignação na voz e nos olhos, Altamiro interrompe Isolda para dizer, também muito exaltado:

DELEGADO ALTAMIRO: Mentira! Mantira deslavada! Ninguém faz sozinho as torpezas que vocês fizeram! A senhora foi cúmplice deste nazista odioso que veio fazer no Brasil o que deve ter feito durante a guerra! E tudo por dinheiro, dinheiro sujo, manchado de sangue das crianças que matou!

Pedro Rezende, incapaz de se conter, volta também a acusar, com fúria sagrada:

PEDRO REZENDE: A senhora percorreu Mendanha, Guinda, Couto de Magalhães e Datas, procurando crianças pobres, muito pobres, que examinava, como falsa médica, para saber se eram sadias! Depois as entregava a esse miserável criminoso de guerra!

271. P.M. de parte da sala, mostrando Marialva, com Glorinha no colo, Zé Raimundo, Pedro, Altamiro e os policiais, atentos ao violento julgamento moral da médica, que ouvia tudo com olhos baixos.

E é novamente Marialva que, uma vez mais, volta a acusar a mulher que odeia:

MARIALVA: Agora você põe covardemente a culpa naquele assassino?! Mas estava aqui, ao lado dele, pronta para matar minha filha...

Marialva, neste ponto, estende Glorinha e a exhibe à médica, continuando a dizer, com voz enfurecida:

MARIALVA (*continuando*): ... arrancar de seu corpo o coração e outros órgãos pra vender não sei onde! Você faria isto com sua própria filha?! Matava sua filha, abria o corpo dela, tirava seus órgãos para vender?! Faria isto, assassina, faria isso?!

272. Deixando Isolda à direita do quadro, câmera enquadra o grupo em P.A.L.

Zé Raimundo, vendo o estado extremamente exaltado de Marialva, aproxima-se, abraça-a e lhe diz:

ZÉ RAIMUNDO: Venha, Marialva, procure se acalmar. Ela vai pagar pelo que fez!

Marialva, dominada pela cólera e a emoção, chora convulsivamente, deixando cair lágrimas sobre o rosto da filha, que mantém nos braços.

274. P.P. do rosto de Marialva e depois, através de panorâmica de cima para baixo, detalhe fechado das lágrimas de Marialva, caindo sobre o rosto de Glorinha que abre então os olhos, fixa-os na mãe e balbucia:

GLORINHA: Mamãe... mamãe...

275. Câmera inicia lento Trav-Atrás, sobe e abre o quadro, focalizando todo o grupo em P.M.

Vendo cessar os efeitos da anestesia na filha, Marialva passa do choro e do desespero a um estado comovente de alegria e deslumbramento. Beija repetidas vezes a filha, exclamando:

MARIALVA: Glorinha, Glorinha, minha filha, você acordou, graças a Deus, meu amor!

A cena contagia todos com emoção e alívio. Zé Raimundo, Pedro Rezende e o delegado Altamiro abrem-se em franco e comovido sorriso,

enquanto sargento, soldados e detetives se aproximam, formando um grupo sorridente e feliz.

276. P.G. da senzala, destacando o delegado que se volta para o sargento Elias, dizendo:

DELEGADO ALTAMIRO: Sargento, por favor, conduza esta mulher à cadeia. E mande recolher o corpo daquele homem!

Dirige-se, em seguida, aos policiais que o circundam:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos voltar a Datas.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA-SEDE - FAZENDA - DIA

277. Voltando ao exterior e à frente do casarão da fazenda, câmera focaliza, em P.M., todo o grupo que acompanhou a diligência policial, saindo pela porta principal de entrada e ganhando a varanda. Ao lado de Marialva, com Glorinha no colo, o cão "Bilito" dá pulos, latindo e ganindo.

Soldados fardados carregam o corpo ensangüentado do alemão, enquanto dois detetives, um de cada lado, escoltam a médica algemada.

SOM - Além do ruído de passos nas tábuas do assoalho da casa, ouvem-se também mugidos do gado que se espalha pelo pasto.

278. Novamente instalada na grua, câmera focaliza da estrada de terra, em G.P.G., a fazenda, o pasto, com o gado, os participantes da diligência policial, Pedro Rezende, Marialva, ainda carregando a filha, e Zé Raimundo.

No enquadramento, obtido do alto da grua, também são vistos os carros, estacionados na estrada, e a porteira aberta, com os dizeres "Fazenda da Ressurreição".

Todo o grupo vem caminhando na direção dos carros e, a certa altura, é melhor detalhado quando a câmera, descendo pela grua, chega ao nível normal, focalizando detetives e policiais que passam à direita e à esquerda da objetiva, seguindo na direção dos carros.

279. Pedro Rezende e o delegado Altamiro, fixados em P.A., caminham juntos, lentamente, acompanhados pela câmera em Trav-Atrás. E conversam amigavelmente:

DELEGADO ALTAMIRO: Graças a Deus, Pedro, tudo acabou bem. E você fez um excelente trabalho, meu caro!

Marialva e Zé Raimundo, que seguem logo atrás, avançam e se colocam ao lado dos dois. Marialva se volta para Pedro Rezende e lhe fala, com ênfase sincera:

MARIALVA: Você foi maravilhoso, Pedro! Deus lhe pague e faça você muito feliz!

Pedro abraça o casal e responde:

PEDRO REZENDE: Fiz o que nossa amizade exigia de mim, Marialva. Nada mais.

EXTERIOR - ESTRADA DIANTE DA FAZENDA - DIA

280. Do lado de fora da fazenda, instalada na estrada de terra, câmera focaliza, em P.M., parte da diligência e dos veículos estacionados, destacando-se o de Pedro Rezende.

Pedro, o delegado, Marialva, Glorinha, Zé Raimundo e o "Bilito", pulando e ganindo sempre, aproximam-se do carro do jornalista. Vendo passar o corpo do alemão, conduzido por dois soldados, o delegado dá dois passos e, mais próximo de Pedro Rezende, comenta:

DELEGADO REZENDE: Espero que este seja o último nazista, Pedro!

281. P.P. de Pedro e do delegado. O jornalista, cético, então responde:

PEDRO REZENDE: Não acredito que seja o último, doutor Altamiro! Há outros, escondidos pelo mundo, na própria Alemanha!

DELEGADO ALTAMIRO: Mas estes, meu caro, os judeus um dia pegam, você vai ver!

282. Abrindo o quadro, câmera enquadra o grupo em P.M. Altamiro aperta efusivamente a mão de Pedro, e se despede:

DELEGADO ALTAMIRO: Agora é com você, grande repórter! Convoque a imprensa, a televisão, o cinema, o que você quiser!

Você merece este “furo”, com exclusividade!
Até breve, meu caro, e muito obrigado por tudo!

PEDRO REZENDE: Eu é que agradeço, delegado! Até breve!

Antes de entrar no carro, Pedro, lembrando-se de alguma coisa, dirige-se ao delegado, que se afasta:

PEDRO REZENDE: Doutor Altamiro, por favor, um minutinho só!

O delegado, próximo a seu carro, volta-se para o jornalista:

DELEGADO ALTAMIRO: Pois não?

283. Câmera focaliza Pedro Rezende em P.A., caminhando na direção do delegado, que o espera à porta do carro.

Seguido em panorâmica, câmera termina o movimento quando enquadrar Pedro e Altamiro em P.P.

Pedro então fala ao delegado:

PEDRO REZENDE: E esta fazenda, doutor Altamiro? O que vai ser feito dela?

DELEGADO ALTAMIRO: Boa pergunta. Com a proprietária presa, sem herdeiros, a fazenda deve ter um destino. Vou conversar com um advogado e examinar a situação legal da propriedade.

PEDRO REZENDE: Tenho uma proposta, doutor Altamiro: vender a fazenda e dar o dinheiro à família das crianças que eles mataram!

DELEGADO ALTAMIRO: Excelente idéia! É isto mesmo, meu caro! Defenda a proposta no jornal, na televisão, onde você puder! É muito justo!

E entra no carro, repetindo, para si mesmo: "Excelente idéia! Excelente idéia!". Pedro Rezende, satisfeito, retorna ao carro.

284. Enquadrado em P.M., Pedro aproxima-se do veículo, ao lado do qual o esperam Zé Raimundo, Marialva, carregando Glorinha, e o cachorro "Bilito", pulando sempre, tentando lambe o rosto da menina. Também no enquadramento são vistos os veículos do contingente policial que manobram e ganham a estrada de terra, de volta a Datas.

SOM: Sirene do carro do delegado e ruído dos outros veículos seguindo pela estrada. Em bg. latidos do cachorro de Glorinha e mugidos do gado.

Pedro aproxima-se de Glorinha, abraçada pela mãe, faz-lhe um carinho e a beija no rosto. Depois pergunta a Marialva:

PEDRO REZENDE: E você, Marialva, volta aos tapetes Arraiolo?

Marialva beija também o rosto da filha e, com voz emocionada, responde:

MARIALVA: É o que eu sei fazer, Pedro. Mas, antes disso, vou cumprir uma promessa.

SOM - Entram, fortes e antecipados, batidas dos sinos da igreja-matriz de Datas.

SEQÜÊNCIA 15 - FINAL

RESUMO: *Diante de parentes, amigos e uma multidão de moradores que lotam a igreja-matriz de Datas, Marialva cumpre a promessa e caminha de joelhos até o altar de Nossa Senhora da Conceição. Gesto que a comove, vem, inesperadamente, das colegas tecelãs da cidade, que estendem pelo chão da igreja os belos tepetes Arraiolo, sobre os quais Marialva caminha de joelhos até prostrar-se diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição. A cerimônia é transmitida para todo o Brasil pela emissora de*

televisão onde trabalha Pedro Rezende, que a descreve, com emoção, exaltando o gesto humilde de Marialva, que define como símbolo das esperanças de nosso povo.

INTERIOR - IGREJA-MATRIZ DE DATAS - MANHÃ

285. Câmera, instalada em carrinho, focaliza em P.P., na entrada da igreja-matriz de Datas, o rosto de Marialva, exprimindo intensa emoção, os olhos marejados de lágrimas.

Depois câmera faz panorâmica para baixo, descendo pelo corpo de Marialva, que veste cor branca, até focalizar-lhe as pernas, no instante em que se põem de joelhos, iniciando a comovente caminhada pelo centro da igreja.

SOM - Continuam, fortes, as batidas de sinos que, depois, vão para bg, subindo na trilha sonora música de órgão (talvez "Jesus Alegria dos Homens", de Bach.

Câmera, sempre focalizando Marialva de joelhos, inicia lento Trav-Atrás, abrindo o quadro até P.A. e mostrando a mãe de Glorinha que cumpre a promessa feita quando a filha desapareceu.

286. Instalada diante do altar-mór, câmera focaliza em G.P.G., a nave da igreja-matriz de Datas, com todos os bancos ocupados por moradores da cidade, de pé, observando a chegada de Marialva.

No primeiro banco são vistos Zé Raimundo, dona Aparecida e Glorinha, voltadas para a entrada da igreja, observando, de pé, a caminhada insólita de Marialva.

SOM: Além dos sinos e da música de órgão, também se ouve na trilha sonora o burburinho dos participantes que lotam a igreja.

287. Perto do altar-mór da igreja, câmera focaliza Pedro Rezende, segurando um microfone, falando diretamente para a objetiva da câmera da emissora de televisão onde trabalha, reportando o acontecimento presenciado por boa parte da população de Datas:

PEDRO REZENDE: Marialva dos Santos, jovem tecelã da cidade mineira de Datas, cumpre a promessa que fez a Nossa Senhora da Conceição de caminhar de joelhos nesta bela igreja Matriz do Divino Espírito Santos, se a filha, desaparecida misteriosamente, fosse encontrada viva e com saúde, fato que, felizmente aconteceu, como os telespectadores sabem.

288. Transferindo-se para o côro, câmera focaliza em G.P.G. e “contre-plongée”, o interior da igreja de Datas, enfatizando a caminhada de Marialva, sempre de joelhos, pela passagem central e a comovente chegada de várias tecelãs que, inesperadamente, começam a estender seus belos tapetes Arraiolo diante da colega.

289, 290, 291, 292, 293, 294, 295. Instalada, inicialmente, no centro da igreja, em posição um pouco elevada, câmera detalha, em planos sucessivos de montagem, o gesto das tecelãs de Datas, também mostrado pelas câmeras da televisão, estendendo os tapetes Arraiolo no chão da igreja, sobre os quais Marialva caminha de joelhos, alternando-se com primeiros-planos de Pedro Rezende, falando à TV, e de moradores pobres da cidade:

PEDRO REZENDE: Vejo no gesto humilde de Marialva e das mulheres de Datas, que estendem em seu caminho os belos tapetes Arraiolos que tecem, um símbolo de nosso povo, que sofre o calvário da pobreza e da injustiça.

296, 297, 298, 299, 300. - Alternando-se com planos de cobertura da caminhada de Marialva pela igreja, câmera focaliza primeiros-planos de alguns dos principais personagens do filme:

1. Zé Raimundo, Glorinha e dona Aparecida;
2. Cirino;
3. Delegado Altamiro e sua equipe: o escrivão Marcílio e os detetives Rubens, Edmir e Tenório;
4. Sargente Elias e alguns soldados fardados da Polícia Militar;
5. Padre Arnaldo.

301. Focaliza-se agora Marialva aproximando-se do altar de Nossa Senhora da Conceição, caminhando sempre, de joelhos, sobre os tapetes Arraiolo.

Chegando ao altar, Marialva se prostra, rezando e chorando, em meio ao respeitoso silêncio dos participantes da missa, que também estão de joelhos.

SOM - Na trilha sonora só se ouve órgão, com música de Bach.

302. Padre Arnaldo, celebrante da missa, com seus solenes paramentos, aproxima-se de Marialva e, com gesto paternal, ajuda-a a levantar-se, o mesmo fazendo todos os que se ajoelhavam na igreja.

Depois o sacerdote conduz Marialva, lentamente, ao banco da frente, onde ela é abraçada e beijada comovidamente por Glorinha, Zé Raimundo e dona Aparecida, ouvindo-se a voz de Pedro Rezende, que conclui a reportagem para a televisão:

PEDRO REZENDE: E assim Marialva cumpriu sua promessa. Como esta mulher humilde e generosa, também o povo brasileiro, de pé, cumprirá a sua: fazer do Brasil uma terra de esperança e igualdade.

303. Câmera enquadra Padre Arnaldo, de perfil, à esquerda do quadro, e, no centro e à direita, em G.P.G., a nave da igreja, com todos os participantes de pé. O vigário de Datas, encerra a missa com a bênção final.

SOM: Repicar festivo dos sinos da igreja e, subindo na trilha sonora, música imponente de órgão, com música de Bach.

F I M

(Direitos autorais registrados na Biblioteca Nacional)

G. MINAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS LTDA.

GERALDO SANTOS PEREIRA

Rua Pompéia, 39, Conj. 01 - Prado

Cep 30410-130

Telefax (031) 371-4604

Belo Horizonte, MG



Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
MINISTÉRIO DA CULTURA

Escritório de Direitos Autorais

Carta de colocação de fotocópia da obra

Nº Registro : 150.493 Livro : 246 Folha : 73

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

Protocolo do Requerimento : 1998RJ 4425.

13 página(s)

Obra não publicada.

Dados do requerente

JOSÉ GERALDO SANTOS PEREIRA, Geraldo Santos Pereira (Autoria)

C.I.C. - 023.578.107-00

Rua Pompeia, 39/01

Prado

Belo Horizonte / MG, CEP. 30410-130

Para constar lavra-se o presente termo nesta cidade do Rio de Janeiro,
em 30 de Abril de 1998, que vai por mim assinado.

O referido é verdade e dou fé.

Chefe do Escritório de Direitos Autorais

CURRICULUM VITAE

I - FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CULTURAL

1. Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais;
2. "Institut des Hautes Études Cinématographiques". Paris (Produção e Direção);
3. "Education par le Jeu Dramatique". Paris;
4. Literatura Contemporânea - Sorbonne, Paris;
5. Curso de Inglês: Brasas, Rio de Janeiro;
6. Curso de Francês: Sociedade Cultural Franco-Brasileira, Belo Horizonte;
7. Assistente de Direção da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, São Paulo. 1952-1955.

II - REALIZAÇÃO PROFISSIONAL - CINEMA

a) - Filmes de Curta-Metragem:

1. "Educação e Desenvolvimento". INCE. 1956;
2. "Escolas Técnicas do Brasil". INCE. 1956;
3. "Campanha de Educação Física". INCE. 1957;
4. "Formando Geólogos para o Brasil". INCE. 1957;
5. "Mineralogia Brasileira". INCE. 1958;
6. "Museu Nacional". INCE. 1958;
7. "O Mosteiro de São Bento". INCE. 1959;
8. "Roteiro Barroco Mineiro: Ouro Preto". INCE. 1960;
9. "Roteiro Barroco Mineiro: Diamantina". INCE. 1960;
10. "A Pintura Brasileira". Ministério da Educação e Cultura. 1961;
11. "O Que é o IPHAN". idem. 1961;
12. "Fazenda-Escola". Governo de Minas Gerais. 1965;
13. "Serra da Piedade". idem. 1966;
14. "Bens de Capital". Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1971.

b) - Filmes de Longa-Metragem:

1. "Rebelião em Vila Rica", em Agfacolor. "Mention d'Honneur" no Festival Mundial do Filme de Bruxelas. 1958, co-direção com Renato Santos Pereira;
2. "Grande Sertão", 1965, adaptado do romance "Grande Sertão:

Veredas". de Guimarães Rosa, co-direção com Renato Santos Pereira:

3. "Balada dos Infiéis", 1970, em "Eastmancolor", inspirado no conto "Água de Juventa", de Coelho Neto;
4. "O Seminarista", 1977, em "Eastmancolor", adaptado do romance de Bernardo Guimarães. "Melhor Filme Nacional de 1977, pela Associação Paulista de Críticos de Arte, São Paulo;
5. "O Sol dos Amantes", em "Eastmancolor", 1979.

III - ARGUMENTOS E ROTEIROS TÉCNICOS

1. "O Aleijadinho", com Renato Santos Pereira, em fase de pré-produção;
2. "O Cangaceiro e o Samurai" (premiado em concurso de Roteiros do Instituto Nacional de Cinema e Embrafilme);
3. "Ciranda Barroca", projeto e roteiro aprovados pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura", do Ministério da Cultura;
4. "O Ex-Presidente".

IV - ATIVIDADE PEDAGÓGICA

1. Professor convidado do Museu de Arte Moderna, de São Paulo, para a disciplina "Produção e Direção";
2. Artista Convidado do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

V - ATIVIDADE JORNALÍSTICA (Jornalista Profissional: Carteira Profissional do Ministério do Trabalho nº 64.820, Série 140).

1. Redator de "O Diário", de Belo Horizonte;
2. Redator e crítico de cinema de "Estado de Minas";
3. Redator da "Folha da Noite", São Paulo;
4. Redator, Produtor e Apresentador do programa "Feirinha Noturna", da TV Record, de São Paulo, 1955;
5. Crítico de cinema do "Diário Carioca", Rio de Janeiro;
6. Crítico de cinema do "Diário de Notícias", Rio de Janeiro;
7. Redator da revista "Manchete", Rio de Janeiro;
8. Redator da revista "Luz e Ação", Rio de Janeiro;
9. Redator, Produtor e Apresentador do programa "Conversa na Noite", da Rádio Inconfidência, 1996.

VI - LIVROS PUBLICADOS

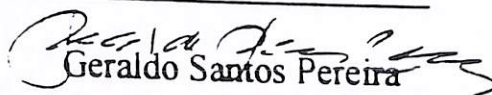
1. "Plano Geral do Cinema Brasileiro". Editor Borsoi. 1973;
2. "O Sol dos Amantes". Editora José Olympio-Embrafilme. 1979;
3. "Ciranda Barroca". Editora Grupiara. 1984.

VII - ATIVIDADE PÚBLICA E ASSOCIATIVA

1. Membro e Secretário-Geral da Comissão Federal de Cinema, do Ministério da Educação e Cultura. 1956;
2. Membro e Secretário-Geral do Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica, do Ministério da Educação e Cultura. 1958;
3. Diretor do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica;
4. Diretor da Associação Brasileira dos Produtores Cinematográficos;
5. Membro do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio de Janeiro;
6. Membro da Associação Brasileira de Cineastas;
7. Membro da Associação Mineira de Cineastas.

VIII- PRÊMIOS E CONDECORAÇÃO

1. 1º Prêmio de Poesia do Concurso "Saint-Exupéry", promovido pelo jornal "O Globo", (Viagem a Paris), 1959;
2. Um dos 6 premiados no Concurso de Roteiros Originais promovido pelo Instituto Nacional de Cinema e Embrafilme. ("O Cangaceiro e o Samurai"), 1976;
3. Medalha do Aleijadinho, conferida pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 1982.


Geraldo Santos Pereira

Rua Pompéia, 39 ap. 01 - Prado - CEP 30410-130
Telefax: (031) 371-4604
Belo Horizonte.